



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E SOCIAIS- FAJS
CURSO: RELAÇÕES INTERNACIONAIS

TAINARA ABRANTE BOMFIM

A influência da Igreja Católica no processo de democratização da Polônia.

BRASÍLIA – DF

2017



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E SOCIAIS – FAJS
CURSO: RELAÇÕES INTERNACIONAIS

TAINARA ABRANTE BOMFIM

A influência da Igreja Católica no processo de democratização da Polônia

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Relações Internacionais do UniCEUB, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientadora: Prof^a.Dr^a.Aline Josiane Sapiezinskas

Brasília

2017

TAINARA ABRANTE BOMFIM

A influência da Igreja Católica no processo de democratização da Polônia.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Relações Internacionais do UniCEUB,
como requisito parcial para obtenção do grau de
Bacharel em Relações Internacionais.

Orientadora: Dra. Aline Josiane Sapiezinskas

Brasília, de 2017

Banca Examinadora

Prof.
Orientadora

Prof.
Examinador

Prof.
Examinador

SUMÁRIO

AGRADECIMENTO	5
RESUMO	7
ABSTRACT	8
LISTA DE SIGLAS	9
INTRODUÇÃO.....	10
RELAÇÃO DA IGREJA CATÓLICA COM OS CONFLITOS QUE ACONTECIAM NA POLÔNIA.....	12
1. Diplomacia Pontífice:.....	12
2. Fatores Teológicos que justificam a atuação da Igreja contra o Comunismo:.....	14
2.1 Dignidade da pessoa humana:.....	14
2.2. Liberdade Religiosa:	17
3. Fatores Políticos que justificam a atuação da Igreja contra o Comunismo:	20
4. João Paulo II, o papa polonês:	21
5. Conclusão:	25
QUAIS FORAM OS MECANISMOS UTILIZADOS PELA IGREJA CATÓLICA PARA INFLUENCIAR NA QUEDA DO COMUNISMO NA POLÔNIA.	27
1. Breve contexto histórico:	27
2. Apoio ao Movimento Solidariedade:	29
3. Assistência Financeira:	32
4. Viagens:	33
5. Discursos:	36
5.1 Dominação Tradicional e Carismática:	40
6. Aliança com os Estados Unidos:	41
7. Conclusão:	42
ANÁLISE À LUZ DA TEORIA CONSTRUTIVISTA.....	43
1. Aspectos da Sociologia Durkheimiana sobre a religião:	44
2. Aspectos da Sociologia Weberiana sobre a religião:	46
3. Aspectos da teoria Construtivista:	48
4. Conclusão:	51
CONCLUSÃO	53
REFERÊNCIAS	56

AGRADECIMENTO

Agradeço em primeiro lugar a Deus e à Virgem Maria que tudo providenciaram durante esses anos de formação, me sustentando e cumprindo com suas promessas de amor e fidelidade em todas as áreas de minha vida, desde que estas a Ele pertencessem. Agradecimento especial a São João Paulo II, homem cujo trabalho e dedicação a Deus, através do serviço à Igreja, fizeram brotar em mim amor pelo tema.

Agradeço a todos os professores da instituição que contribuíram de alguma forma para este trabalho, permitindo livre reflexão dos temas diversos, considerando sempre minhas ideias e exposições. Em especial pelo professor Gabriel Fonteles, orientador da primeira parte do trabalho e a minha orientadora Aline Sapiezinskas, que além de serem ótimos profissionais, não me permitiram desistir de dar o meu melhor.

Aos meus familiares, principalmente aos meus pais, Robson Bonfim e Magna Abrante, que me permitiram realizar tantos sonhos durante esse processo de formação, se tornando valiosos conselheiros. A eles, agradeço pelos anos de serviço e dedicação ao trabalho e à família que me permitiram realizar uma faculdade, agradeço também pela confiança na minha capacidade e no meu caráter. Agradeço também a minha tia Mara Márcia Abrante que com seu zelo e amor, cuidou de mim nas diversas vezes em que tive que permanecer estudando na faculdade até mais tarde, sendo como uma mãe amorosa.

Aos meus amigos pela paciência e incentivo nos momentos de desânimo, obrigada pela boa convivência, conselhos e exigências de que eu fosse melhor a cada dia. Em especial aos meus amigos de graduação Mayra Alanna, Victor Sena e Cícilia Prado que permaneceram comigo durante essa jornada.

RESUMO

O presente estudo se propôs a investigar como se configura a influência da Igreja Católica no cenário internacional, sendo ela um ator do sistema internacional, será necessário verificar sua atuação nas Relações Internacionais, com o intuito de compreender como e porque ela tem capacidade para influenciar outros atores. Para alcançar tal objetivo, tornou-se necessário observar como se configura a diplomacia pontifícia, quais são seus interesses e princípios norteadores.

O trabalho utilizará como estudo de caso, a atuação da Igreja no contexto polonês após a Segunda Guerra Mundial, de modo a compreender como os princípios católicos influenciaram a população polonesa a lutar pela democratização do país. A teoria construtivista e os conceitos dos sociólogos Durkheim e Weber foi os principais contribuintes para a análise do conteúdo. Dessa maneira, foram utilizados os discursos e homilias oficiais, encontrados no site do Vaticano, para analisar a retórica da instituição, além de artigos e livros que comentavam sobre a atuação da Igreja em geral, bibliografias que relatavam sobre o contexto polonês e bibliografias que refletiam a respeito dos principais conceitos teóricos utilizados no trabalho.

Como resultado da pesquisa, notou-se primeiramente que apesar de ter tido uma iminente perda de poder desde a Idade Média, a Igreja permanece sendo um ator influente do sistema internacional, uma vez que adquiriu um significativo capital simbólico com o passar dos anos e pela grande quantidade de católicos no cenário analisado e no mundo. Em segundo lugar, foi observado que apesar da Igreja Católica se configurar como uma estrutura, portanto como um fato social, uma vez que pressupõe regras, doutrinas e princípios, os quais são sugeridos aos indivíduos, os indivíduos poloneses encontraram nela um elemento emancipatório que os motivaram a lutar contra o regime comunista de acordo com o que lhes era proposto pela Igreja.

ABSTRACT

The purpose of this study was to investigate what is the influence of the Catholic Church in the international scenario, in view of the fact that she is an actor of the international system, it will be necessary to verify its performance in International Relations, in order to understand how and why she has the capacity to influence others actors. To achieve this goal, it became necessary to observe how papal diplomacy is configured, what are its interests and guiding principles.

The work will use as a study case, the Church's work in the Polish context after the Second World War, in order to understand how Catholic principles influenced the Polish population to fight for the democratization of the country. The constructivist theory and the concepts of the sociologists Durkheim and Weber were the main contributors to the analysis of the content. In this way, the official speeches and homilies found on the Vatican web site were used to analyze the institution's rhetoric, as well as articles and books that commented on the work of the Church in general, bibliographies that related to the Polish context and bibliographies reflecting about the main theoretical concepts used in the work.

As a result of the research, it was first noticed that despite having had an imminent loss of power since the Middle Ages, the Church remains an influential actor in the international system, having acquired significant symbolic capital over the years and large number of Catholics in the analyzed scenario and in the world. Secondly, it was observed that although the Catholic Church is a structure, therefore as a social fact, since it presupposes rules, doctrines and principles, which are suggested to individuals, the Polish individuals have found in it an emancipatory element that motivated to fight against the communist regime according to what was proposed to them by the Church.

LISTA DE SIGLAS

CA – Encíclica *Centesimus Annus*

CIA – Agência Central de Inteligência (*Central Intelligence Agency*)

EUA – Estados Unidos da América

KIK – Clube de Intelectuais Católicos (*Klub Inteligencji Katolickiej*)

KOR – Comitê de Defesa dos Trabalhadores (*Komitet Obrony Robotnikow*)

RN – Encíclica *Rerum Novarum*

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

INTRODUÇÃO

A Igreja Católica durante décadas teve grande influência sobre as decisões dos Estados, uma vez que estes em alguns casos tinham o poder do Estado vinculado ao poder da Igreja, no entanto, após o surgimento do Estado Moderno a Igreja teve uma iminente perda de poder. O presente trabalho tem como objetivo central compreender como ocorre a atuação da Igreja Católica no cenário internacional após este processo de separação do Estado e como ela enquanto ator do sistema internacional continua a influenciar nas tomadas de decisões no contexto contemporâneo.

Com o intuito de demonstrar como ocorre a atuação da Igreja Católica através da diplomacia da Santa Sé e qual a sua relevância no cenário internacional, será trazido o estudo de caso do processo de democratização da Polônia no pós Segunda Guerra Mundial. O caso auxiliará a compreender qual a influência que a Igreja Católica exerce enquanto agente, no sistema internacional, através da análise dos efeitos da sua ação no contexto polonês, uma vez que a mesma decide cooperar no processo de democratização do país, combatendo de maneira pacífica o regime comunista.

Notou-se inicialmente ser fundamental desvendar como é o funcionamento da diplomacia da Santa Sé, sua estrutura, quais são seus representantes e como estes estão divididos hierarquicamente. Tendo em vista seu funcionamento, em seguida o trabalho irá evidenciar quais eram as 'forças profundas' que guiavam a atuação da Igreja Católica no pós Guerra de modo a elucidar quais são as premissas e doutrinas que conduziam o posicionamento deste ator e porque o mesmo se posiciona em discordância ao regime comunista vigente no território polonês.

Os principais fatores expostos no trabalho serão fatores teológicos e políticos somados ao fato do papa vigente na época, João Paulo II, ser polonês, o que foi identificado no trabalho como mais um fator que impulsionou a atuação da Igreja Católica especificamente no contexto polonês. Quanto aos fatores teológicos, será exposto o posicionamento teológico da Igreja Católica sobre a dignidade humana e a liberdade religiosa e como a mesma acreditava serem estes princípios ausentes durante o período do regime comunista dentro da União Soviética. A respeito dos fatores políticos, foi identificado que a Igreja Católica procurava agir no contexto mencionado, no intuito de desempenhar seu chamado dado por Deus, nesse fator

foi encontrada certa limitação de pesquisa, uma vez que foram encontrados obstáculos para identificar quando a Igreja Católica tem uma ação política, devido à dificuldade em encontrar documentos oficiais que evidenciem seu comportamento meramente político.

É igualmente importante analisar as forças que conduziam suas ações para compreender como sucederá sua atuação, dado que a Igreja Católica possui razões diferentes para se posicionar na política internacional, uma vez que esta igualmente caracterizada como instituição espiritual, também possui objetivos espirituais e morais, razão esta que a distingue dos outros atores do sistema que têm em mente pressupostos como segurança, defesa e economia, por exemplo.

Em sequência, será demonstrado como a Santa Sé colocou em prática tais fundamentos, ou seja, quais foram os mecanismos escolhidos por ela para serem utilizados no cenário polonês e conseqüentemente, quais foram os resultados desta intervenção. Neste trabalho, serão elucidados cinco mecanismos, sendo estes: o apoio que a Igreja concedeu aos movimentos de oposição em especial ao movimento sindicalista Solidariedade, a assistência financeira concedida à oposição, as viagens papais realizadas durante a vigência do regime nos anos especialmente nos anos de 1979 e 1983, os discursos proferidos pelo papa em território polonês de modo a interpretar qual a influência do representante da Igreja Católica perante os poloneses e a aliança feita com os Estados Unidos no ano de 1984.

Esse contexto de luta pela democracia na Polônia será analisado à luz da teoria construtivista das Relações Internacionais, uma vez que esta compreende que o sistema internacional na verdade não existe, o que de fato existe são as idéias que os indivíduos possuem sobre o sistema. Dessa maneira, é evidenciado como as ideias que os poloneses foram contraindo a respeito do regime, influenciados pelos princípios e discursos católicos de combate ao comunismo, foram capazes de alterar o sistema, derrubando, dessa maneira, o regime comunista.

RELAÇÃO DA IGREJA CATÓLICA COM OS CONFLITOS QUE ACONTECIAM NA POLÔNIA

Neste capítulo, será apresentada a construção do pensamento da Igreja a respeito dos diversos acontecimentos mundiais no pós Segunda Guerra Mundial e principalmente as mudanças ocasionadas por tais acontecimentos no campo econômico, político e social. Entender tal configuração de pensamento é importante para compreender as razões pelas quais a Igreja Católica decidiu interferir nos conflitos que ocorriam na Polônia, e assim quais serão suas propostas para o indivíduo e para a sociedade civil combater o regime socialista instaurado no território polonês.

1. Diplomacia Pontífice:

Inicialmente, antes de compreender as razões pelas quais a Igreja decidiu intervir nos conflitos poloneses, é relevante compreender como se estrutura a diplomacia pontifícia e quais são os seus objetivos. Assim, compreendendo estes pontos, conseguiremos em seguida apontar quais foram as razões específicas de sua atuação e porque a mesma no contexto polonês desempenhou um papel influente.

Tarlton (2012) argumenta que a Igreja Católica demonstrou durante os anos habilidade em ultrapassar as fronteiras, ou seja, demonstrou ser um ator transnacional. Se distinguindo de outros grupos religiosos em termos de ações transnacionais, uma vez que é a única religião que possui território (Estado da Cidade do Vaticano), líder e governo, assim, conseqüentemente, como qualquer outro estado, o Vaticano precisou criar uma política externa.

A princípio é importante especificar quem é o ator internacional, Vaticano ou Santa Sé. Nesse intuito, a autora Carletti (2010, p. 33) explica que “*é a Santa Sé e não o Estado da Cidade do Vaticano que atua em nível internacional e que se relaciona diplomaticamente com os outros estados*”, ou seja, é a Santa Sé quem possui personalidade jurídica internacional, formalmente reconhecida no Acordo de Latrão, assinado no ano de 1929, tendo como seu representante oficial o papa. Os atores da diplomacia pontifícia são respectivamente em ordem hierárquica: a Secretaria de Estado, sendo este o órgão mais próximo ao papa, o corpo

diplomático pontifício, formado pelos Núncios Apostólicos, os Delegados Apostólicos e os Observadores, o que corresponderia aos “diplomatas” e por fim estariam as embaixadas junto à Santa Sé.

Além de ser importante identificar quem é de fato o ator internacional responsável pelas relações diplomáticas entre a Igreja e o Estado, torna-se igualmente essencial compreender quais são os objetivos deste agente no sistema internacional. O secretário para as Relações da Santa Sé com outros estados, Giovanni Lajolo afirma que: “*saem do âmbito da diplomacia da Santa Sé toda uma série de questões que são, ao contrário, de interesse primário para as diplomacias dos Estados*” (LAJOLO, 2006 apud CARLETTI, 2012, p.16). A frase mostra de maneira evidente que, a diplomacia da Santa Sé não tem em mente certos pressupostos como a maioria dos outros atores do sistema internacional, como por exemplo, segurança, relações comerciais e financeiras ou estruturas militares, uma vez que é uma instituição que tem os valores espirituais e morais como fundamentais para a sua diplomacia. Dessa maneira, é relevante notar que:

Os temas que interessam diretamente e indiretamente a diplomacia pontifícia dizem respeito à liberdade religiosa, à bioética, à família, educação, cultura, e ciência e à questão social, ao fenômeno da emigração, à paz, desarmamento e à mediação entre Estados, colaborando a melhorar a cooperação entre os povos (MULLOR, 2009, p. 3 apud CARLETTI, 2010, p.46).

A Santa Sé, tal como qualquer outro ator do sistema internacional, é dotada de um conjunto de leis que regulamentam sua organização, chamado Direito Canônico. Tendo em vista tais leis, Carletti (2010) considera quais são os principais interesses externos da Santa Sé:

Um dos interesses primários da Santa Sé em relação à diplomacia pontifícia é, portanto, aquele de manter a unidade da Igreja Católica, mantendo saudáveis os vínculos entre os Bispos locais e o Papa por meio de seus representantes. Tal é a função eclesial dos diplomatas pontifícios. A outra função, *ad extra*, é manter boas relações com os Estados com os quais a Santa Sé mantém relações diplomáticas. Nesse âmbito, o Núncio procura defender a liberdade de ação da Igreja Católica no país, defendendo ao mesmo tempo a liberdade das outras religiões. Outro interesse dos diplomatas da Santa Sé é promover os direitos humanos, e contribuir para o estabelecimento da paz no mundo (CARLETTI, 2010, p.44)

Desse modo nota-se que, segundo o próprio Código de Direito Canônico, é dever da Sé Apostólica, não só defender a liberdade de ação da Igreja nos países, como também os direitos dos indivíduos de modo a favorecer com que o mundo se torne um lugar mais pacífico. Esse parágrafo será fundamental para compreender as

seguintes discussões a respeito das razões teológicas e políticas que fizeram com que a Igreja decidisse combater o comunismo na Polônia.

2. Fatores Teológicos que justificam a atuação da Igreja contra o Comunismo:

2.1 Dignidade da pessoa humana:

A Igreja Católica, desde seu fundamento, acredita que a tarefa de Cristo na terra foi dar testemunho da verdade e que ela como instituição fundada pelo mesmo, deve dar continuidade a idêntica missão. Dessa maneira, portanto, a Igreja durante os séculos precisou compreender as mudanças sociais e responder principalmente aos questionamentos do homem a respeito da realidade visível e invisível, sob a luz do Evangelho¹. Nessa lógica, no ano de 1891 o Sumo Pontífice Leão XIII elaborou a Carta Encíclica *Rerum Novarum*, com objetivo de compreender as mudanças da época, como os progressos da indústria, a nova relação entre patrão e operário e principalmente a condição dos operários que é tema central da encíclica mencionada, dando início, assim, ao conjunto de orientações da Igreja Católica para os temas sociais, chamada Doutrina Social, apesar de que esta somente será divulgada ao público em 1987.

Na Encíclica *Rerum Novarum* (1891), o papa Leão XIII discorre inicialmente acerca do monopólio do trabalho e dos papéis de crédito nas mãos dos ricos, que gera imposição de trabalho injusta ao proletariado. Segundo Leão XIII, o socialismo ao sugerir a transferência dos bens privados (do indivíduo) para o Estado para que este realize uma divisão igualitária, ao invés de solucionar o problema acabaria por tornar a situação operária ainda mais precária, uma vez que, segundo o papa, essa transferência de bens privados é “*sumamente injusta, por violar os direitos legítimos dos proprietários, viciar as funções do Estado e tender a subversão completa do edifício social*” (RN, 1891,n.3). Leão XIII, ainda na *Rerum Novarum* (1891), afirma que Deus deu ao homem o direito natural, não só de usar as coisas exteriores, mas de possuí-las como fruto do seu próprio trabalho, sendo assim função do Estado somente tutelar os direitos naturais do indivíduo, e não extingui-los.

¹ Constituição Pastoral “*Gaudium et Spes*” sobre a Igreja no mundo atual, papa Paulo VI , 1965.

Como solução para as causas do conflito, o Sumo Pontífice sugere inicialmente que haja a concórdia para vencer a luta de classes, se opondo ao que sugere a teoria socialista, uma vez que não acredita que “*as duas classes são inimigas natas uma da outra*” (RN, 1891, n.9). Tendo em vista que a desigualdade é um processo natural da vida, o papa propõe que esta desigualdade pode ser revertida em proveito para todos, desde que haja uma complementaridade entre as funções dos indivíduos e não mais confusões, ou inimizades. Quanto aos ricos, a Encíclica *Rerum Novarum* (1891) diz que estes não devem usar o outro como instrumento de lucro, mas sim estimar em seus operários a sua dignidade enquanto homem, por exemplo, dando um salário justo e observando inclusive seus interesses espirituais.

Por fim a respeito da propriedade privada, o papa Leão XIII (1891, p. 10) diz que: “*o homem não deve ter as coisas exteriores por particulares, mas sim por comuns, de tal sorte que facilmente dê parte delas aos outros nas suas necessidades*” (RN,1891, n.12). Em geral a *Rerum Novarum* (1891) em resposta às propostas comunistas e capitalistas, sugere que a justiça é o elemento fundamental para a resolução dos conflitos da época.

O *Compêndio da Doutrina Social da Igreja* (2004), afirma que: “*Os princípios afirmados por Leão XIII serão retomados e aprofundados pelas encíclicas sociais sucessivas. Toda a doutrina social poderia ser entendida como uma atualização, um aprofundamento e uma expansão do núcleo originário de princípios expostos na Rerum Novarum*”. À vista disso no ano de 1991 o papa João Paulo II escreve a Encíclica *Centesimus Annus*, em celebração aos cem anos de publicação da *Rerum Novarum*.

O papa João Paulo II em sua Encíclica tem como linha condutora, de sua análise sobre a sociedade, a concepção da pessoa humana e o seu valor. Tendo em conta que, segundo a Igreja Católica, a dignidade humana provém da sua criação à imagem e semelhança do próprio Deus, como narra o livro da Bíblia, Gênesis (Gn 1,26)². O papa irá compreender, portanto, que:

O erro fundamental do socialismo é de caráter antropológico. De fato, ele considera cada homem simplesmente como um elemento e uma molécula do organismo social, de tal modo que o bem do indivíduo aparece totalmente subordinado ao funcionamento do mecanismo econômico-social, enquanto, por outro lado, defende que esse mesmo bem se pode realizar

² <https://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/1/26>

prescindindo da livre opção, da sua única e exclusiva decisão responsável em face do bem ou do mal. O homem é reduzido a uma série de relações sociais, e desaparece o conceito de pessoa como sujeito autônomo de decisão moral, que constrói, através dessa decisão, o ordenamento social. Desta errada concepção da pessoa, deriva a distorção do direito, que define o âmbito do exercício da liberdade, bem como a oposição à propriedade privada. O homem, de fato, privado de algo que possa “dizer seu” e da possibilidade de ganhar com que viver por sua iniciativa, acaba por depender da máquina social e daqueles que a controlam, o que lhe torna muito mais difícil reconhecer a sua dignidade de pessoa e impede o caminho para a constituição de uma autêntica comunidade humana (JOÃO PAULO II, 1991, p.11).

Neste trecho da *Centesimus Annus*, o Sumo Pontífice, resume o posicionamento da Igreja a respeito do Socialismo, tendo em vista que acreditavam que este pensamento (socialista) reduzia a própria dignidade humana dada por Deus e, portanto, a Igreja Católica não poderia concordar com o mesmo. Além disso, São João Paulo II compreendia que igualmente ao Socialismo o capitalismo ao negar: *“a existência autônoma do indivíduo e o valor da moral, do direito, da cultura e da religião, reduz o homem à esfera econômica e à satisfação das suas necessidades materiais”* (CA, 1991, n.19).

Karol Wojtyła afirma que a errada concepção da natureza da pessoa, segundo a Igreja e a subjetividade da sociedade, tem como causa primeira o ateísmo, pois segundo o Pontífice: *“É na resposta ao apelo de Deus, contido no ser das coisas, que o homem toma consciência da sua dignidade transcendente”*. (JOÃO PAULO II, CENTESIMUS ANNUS, 1991, p.11)

Nessa Encíclica, o papa também relata a respeito do triunfo dos métodos do diálogo e da solidariedade na luta contra o regime comunista na Polônia, e aponta que:

Enquanto o marxismo defendia que somente extremando as contradições sociais, através do embate violento, seria possível chegar à sua solução, as lutas que conduziram ao derrube do marxismo insistem com tenácia em tentar todas as vias da negociação, do diálogo, do testemunho da verdade, fazendo apelo à consciência do adversário e procurando despertar nele o sentido da dignidade humana comum”. (JOÃO PAULO II, 1991, p.18)

A Doutrina Social da Igreja acredita que a greve é um direito do trabalhador, porém que este deve ser o último dos recursos a serem empregados (se de maneira pacífica), haja vista que as greves resultam em danos para o comércio e para a

sociedade em si³. Será exposto no próximo capítulo de maneira mais precisa como estes princípios constituíram os conselhos que o Papa São João Paulo II deu ao Sindicato do Solidariedade no combate ao comunismo na Polônia, tendo em vista que o mesmo expressa na Encíclica mencionada que “*os complexos problemas de tais povos, obtêm melhor resolução pelo método do diálogo e da solidariedade, do que pela luta até à destruição do adversário, e pela guerra*”. Tarlton (2012) em seu texto cita um trecho de uma reportagem da BBC, em que fontes do Solidariedade disseram que o papa, na visita realizada no ano de 1983 à Polônia, disse ao líder do Solidariedade, Lech Walesa, as seguintes palavras: “*That he should rely on the advice of the Catholic Church, rather than organising street demonstrations as part of the trade union movement's campaign to bring about political reforms in Poland*”⁴.

A criação da Doutrina Social da Igreja é um fato relevante para os fiéis católicos, uma vez que segundo Lopes Junior (2011):

Se existem funções sociais na religião, é porque os leigos não esperam dela justificativas para amenizar o sofrimento, a doença ou o abandono, mas esperam também justificativas de sua posição na estrutura social. Sociologicamente, a mensagem religiosa mais eficaz para um determinado grupo social é aquela que dá justificativa ao leigo de existir enquanto ocupante de uma determinada posição social (LOPES JUNIOR, 2011, p.4).

De modo a contribuir com a citação anterior, Tarlton (2012) identifica a Doutrina Social da Igreja como um apoio à Nação Polonesa, o autor vai afirmar que apesar de ser um documento fundamentado nos ensinamentos religiosos, este realçou para mais a capacidade transnacional da Igreja Católica, visto que possuía uma mensagem precisa, que segundo o autor “*poderia ser interpretada por organizações e pessoas em todo o mundo*”. Tarlton (2012) nota ainda que coincide que após o lançamento dos ensinamentos sociais da Igreja, a situação para a Polônia muda rapidamente, uma vez que progrediam em busca do futuro.

2.2. Liberdade Religiosa:

³ Compendio da Doutrina Social da Igreja, Direito dos Trabalhadores, artigo D, “O direito de greve” http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html.

⁴ Accessed on May 31, 2017.

http://news.bbc.co.uk/onthisday/hi/dates/stories/june/23/newsid_4002000/4002537.stm

Além de discordar da teoria socialista, porque segundo a concepção do cristianismo, esta teoria retirava do indivíduo o que é inerente a existência do ser, ou seja, sua dignidade quanto homem. Outra razão evidente pela qual a Igreja Católica procura combater o comunismo era porque este procurava eliminar a religião, através de diversos mecanismos para repressão do povo, impedindo dessa maneira, que o homem alcançasse uma característica proeminente da humanidade: a verdadeira liberdade. Portanto, torna-se necessário para melhor análise, expor os princípios da teoria marxista e qual era sua visão a respeito da religião, para em seguida contrastar com o pensamento da Igreja Católica.

Segundo Marx (2008) a religião seria, na verdade, uma criação do próprio homem, uma teoria “fantástica”, se assim podemos dizer, para explicar a realidade que vive. O filósofo diz que o homem na procura por um ser sobrenatural encontra a si mesmo, uma vez que quem cria a religião é homem e não o contrário, sendo este o fundamento de sua crítica irreligiosa. Marx irá então dizer, sua célebre frase: “*A religião é o suspiro da criatura oprimida, o âmago de um mundo sem coração e a alma de situações sem alma. É o ópio do povo*”, evidenciando assim seu pensamento de que a religião seria uma ilusão, uma forma de alienação. Por conseguinte libertar-se da religião seria, segundo o filósofo alemão, fazer com que o homem retornasse a ter a si mesmo como o centro das coisas:

A abolição da religião enquanto felicidade ilusória dos homens é a exigência da sua felicidade real. O apelo para que eles deixem as ilusões a respeito da sua situação é o apelo para abandonarem uma situação que precisa de ilusões. (...) A crítica da religião liberta o homem da ilusão, de modo que ele pense, atue e configure a sua realidade como homem que perdeu as ilusões e recuperou o entendimento, a fim de que ele gire à volta de si mesmo e, assim, à volta do seu verdadeiro sol. A religião é apenas o sol ilusório que gira à volta do homem enquanto ele não gira à volta de si mesmo. (MARX, 2008, p. 2)

À vista disso percebe-se então, a luta contra a religião, como forma de emancipação do homem, Marx (2008) diz ainda que para que o proletariado pudesse realizar tal libertação, teria que se utilizar principalmente da filosofia. Ele se refere a filosofia como uma “arma intelectual”, uma vez que segundo ele “*A imediata tarefa da filosofia, que está ao serviço da história, é desmascarar a auto-alienação humana nas duas formas não sagradas, agora que ela foi desmascarada na sua forma sagrada*” (MARX, 2008, p.6).

Para melhor compreensão do que a Igreja Católica pensa a respeito da liberdade religiosa, fundamento este igualmente presente na Doutrina Social da Igreja, é importante reparar o que o Concílio Vaticano II, ocorrido entre os anos de 1961 e 1965, irá concluir a respeito deste tema, uma vez que o Concílio mencionado, foi o momento de discussão dos membros da Igreja para que “o depósito sagrado da doutrina cristã seja guardado e ensinado de forma mais eficaz”⁵ segundo o que diz o papa João XXIII, na abertura solene do Concílio. Apesar de a Igreja acreditar que “a única religião verdadeira se encontra na Igreja católica e apostólica”⁶, ela irá se manifestar no Concílio Vaticano II contra a imposição da verdade, uma vez que, segundo ela, a verdade não deve ser imposta por nenhuma autoridade humana, dado o fato de que a verdade possui em si força própria de “convencimento”, o Concílio vai afirmar então:

(o homem) Não deve, portanto, ser forçado a agir contra a própria consciência. Nem deve também ser impedido de atuar segundo ela, sobretudo em matéria religiosa. Com efeito, o exercício da religião, pela natureza desta, consiste primeiro que tudo em atos internos voluntários e livres, pelos quais o homem se ordena diretamente para Deus; e tais atos não podem ser nem impostos nem impedidos por uma autoridade meramente humana. Por sua vez, a própria natureza social do homem exige que este exprima externamente os atos religiosos interiores, entre em comunicação com os demais em assuntos religiosos e professe de modo comunitário a própria religião (PAULO VI, 1965, *Dignitatis Humanae*)

Segundo a encíclica *Gaudium et Spes*: “Deus quis deixar o homem entregue à sua própria decisão, para que busque por si mesmo o seu Criador e livremente chegue à total e beatífica perfeição, aderindo a Ele”⁷, portanto priorizando ainda o princípio da dignidade humana que a Igreja compreende como dever próprio defendê-la, o papa João Paulo II em 1978⁸ (início de seu papado), afirmando os princípios expostos anteriormente da *Gaudium et Spes*, irá fazer um pedido à comunidade internacional:

⁵João XXIII, 1962, Discurso na abertura solene do SS. Concílio. https://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening-council.html

⁶ http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651207_dignitatis-humanae_po.html#

⁷ *Gaudium et Spes*, sobre a Igreja no mundo atual, 1965. http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html

⁸ Mensagem ao secretário-geral das Nações Unidas por ocasião do 30º aniversário da Declaração dos Direitos Humanos. https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1978/documents/hf_jp-ii_spe_19781202_segretario-onu.html

Assim, desejaria eu pedir solenemente que a liberdade religiosa de todas as pessoas e todos os povos fosse respeitada em toda a parte e por todos. Sou levado a fazer este apelo solene, profundamente convencido como estou de que, mesmo sem ter em conta o desejo de servir a Deus, o bem comum da sociedade "beneficiará dos bens morais da justiça e da paz, que derivam da fidelidade dos homens a Deus e à Sua santa vontade". O livre exercício da religião beneficia tanto os indivíduos como os governos. Portanto, a obrigação de respeitar a liberdade religiosa incumbe a todos, tanto cidadãos particulares como autoridades civis legítimas (JOÃO PAULO II, 1978, Mensagem ao secretário-geral das Nações Unidas por ocasião do 30º aniversário da Declaração dos Direitos Humanos).

Passado dez anos desta mensagem, o papa em sua Mensagem para a Celebração do XXI Dia Mundial da Paz de 1988, expressa que a liberdade religiosa, como um desejo do próprio Deus Criador para o homem, torna-se um fator insubstituível para a realização do homem em sua essência. De acordo com o Sumo Pontífice, ainda na mesma mensagem, "*em caso nenhum a organização estatal pode substituir-se à consciência dos cidadãos*", dessa maneira, então:

O Estado não pode reivindicar uma competência, direta ou indireta, quanto às convicções religiosas das pessoas. Ele não pode arrogar-se do direito de impor ou de impedir a profissão e a prática em público da religião de uma pessoa ou de uma comunidade (JOÃO PAULO II, 1988).

Através de tais posicionamentos da Igreja Católica é possível compreender que a mesma possuía motivações para combater o comunismo, não somente para que os poloneses católicos pudessem professar e assim praticar a fé católica, mas para que todos os indivíduos polacos tivessem liberdade para encontrar a verdade de acordo com sua própria consciência, sem nenhuma opressão.

3. Fatores Políticos que justificam a atuação da Igreja contra o Comunismo:

Além da crença primordial da Igreja no direito natural do ser humano à procura da verdade, se apresentar como causa para combater o comunismo. Os mecanismos que impediam os indivíduos de manifestarem suas crenças, impediam consequentemente que a Igreja cumprisse com sua "missão na terra". A missão própria da Igreja é a de anunciar e instaurar no meio de todos os povos o Reino de Deus inaugurado por Jesus Cristo⁹, como já foi levantado no início do capítulo. À vista disso, o papa João Paulo II (1988) expõe que ele "*como Pastor da Igreja*

⁹ Catecismo da Igreja Católica, Parágrafos 767 e 768.

Universal falharia no seu mandato se não erguesse sua voz em favor do respeito do direito inalienável de o Evangelho ser proclamado a toda criatura¹⁰. Nessa lógica, a autora Carletti (2012), em seu livro, discorre que:

A mola propulsora para a atuação internacional da Santa Sé foi sempre promover condições favoráveis para que a Igreja Católica pudesse exercer seu ministério, lutando pelo reconhecimento de sua personalidade jurídica que lhe permitiria completa liberdade de ação para difundir sua mensagem. Tal era o interesse nacional que a Santa Sé se propunha de defender contra as forças soviéticas, identificadas como forças que negavam a prioridade dos valores espirituais. (CARLETTI, 2012 p. 164)

Com isso é possível concluir que, a Igreja Católica além de discordar dos princípios comunistas, em geral, por fatores teológicos, tendo em vista que estes violavam a dignidade humana herdada do próprio Deus. Da mesma forma discordava do regime comunista por fatores políticos, tendo em conta que estes impossibilitavam a própria Igreja de cumprir com a sua missão na terra.

Foi perceptível ao longo da pesquisa certa dificuldade em identificar leituras e análises que observassem o aspecto tão somente político da Igreja Católica, entre as razões para tal limitação pode ser devida a argumentação que Weiss (2005) faz a respeito da contradição entre o princípio da fraternidade proposto pelas religiões e a esfera política:

A esfera política se contrapõe à ética da fraternidade por tratar-se de um campo que se move de acordo com sua própria dinâmica consciente-racional, e na qual os homens devem agir de maneira impessoal tal qual na esfera econômica, não obstante esta impessoalidade tenha justificativas de outra natureza. Segundo Weber, o princípio da tensão entre Estado e Religião se deu com a instituição das religiões universais, que passaram a transcender as barreiras locais, e se agravou no momento em que o Deus único é também considerado um Deus de amor. E isto é em si um ponto de divergência, na medida em que a política se caracteriza por algo que é diametralmente oposto ao amor fraternal: a violência. (WEISS, 2005, p.12)

4. João Paulo II, o papa polonês:

Haja vista o que diz a Nova Lei do Estado da Cidade do Vaticano, em seu artigo 2: *“A representação do Estado nas relações com os Estados estrangeiros e com os outros sujeitos de direito internacional, para as relações diplomáticas e*

¹⁰ Mensagem de sua santidade João Paulo II para a celebração do XXI Dia Mundial da Paz (1988), p.8.

*conclusão de tratados, é reservada ao Sumo Pontífice*¹¹. Torna-se igualmente importante para compreender a atuação da Igreja nos conflitos pós Segunda Guerra Mundial, na Polônia, analisar o perfil do papa vigente, já que este é o principal tomador de decisões da Igreja Católica.

Assim, após a morte do papa João Paulo I, no dia 16 de outubro de 1978, Karol Wojtyła nascido no ano de 1920 na cidade de Wadowice, na Polônia, foi eleito papa. Karol Wojtyła, conhecido entre amigos como Lolek, vive em Wadowice até os seus dezoito anos, quando decide estudar filosofia na Universidade de Jagiellonian em Cracóvia¹². Ainda estudante, é obrigado a pausar seus estudos devido à guerra e no de 1940 começa a trabalhar como operário nas minas de pedra e em uma fábrica química. Acolhendo ao chamado à vida sacerdotal, entra no ano de 1942 no seminário clandestino de Cracóvia e em 1946 é ordenado sacerdote.

Karol no período pós-guerra, enquanto ainda professor de filosofia, engajou-se politicamente, segundo a autora Carletti (2012), de maneira a influenciar na formação ideológica das novas gerações, ensinando-os sobre a dignidade humana, afetividade, liberdade e ética sexual. Apesar da estratégia não ser imediatista, a longo prazo gerou resultados eficazes na luta contra o governo comunista (CARLETTI, 2012). A autora diz também, que “*essa sua aparente “distância” da política, convenceu o governo comunista a colocar o nome de Wojtyła entre os candidatos ao cargo de bispo auxiliar de Cracóvia*” (CARLETTI, 2012, p.157) .

Enquanto bispo auxiliar de Cracóvia e depois como arcebispo de Cracóvia, Wojtyła ficou bastante conhecido entre os bispos e sacerdotes, devido às suas contribuições ao Concílio Vaticano II e em seguida devido às suas inúmeras viagens internacionais começou também a chamar atenção do governo polonês (CARLETTI, 2012). No ano de 1978 ao ser eleito papa, Karol Wojtyła, tomou o nome de João Paulo II, em homenagem aos seus predecessores e quebra após 455 anos a tradição de papas italianos. Com isso, o Vaticano seria governado novamente por um estrangeiro e pela primeira vez um polonês iria se sentar na Cátedra de São Pedro. É possível, portanto, questionar a escolha do conclave de 1978:

¹¹ Nova Lei Fundamental do Estado da Cidade do Vaticano. Disponível em: http://www.vatican.va/news_services/press/documentazione/documents/sp_ss_scv/informazione_generale/legge-fondamentale_po.html. Acesso em: 06 Jun. 2017

¹² Perfil biográfico de João Paulo II. Disponível em: http://www.vatican.va/special/canonizzazione-27042014/documents/biografia_gpII_canonizzazione_po.html. Acesso em: 28 Maio 2017

A ruptura de uma tradição que perdurou por mais de quatro séculos provocou, portanto, espanto, mas, se analisarmos atentamente a conjuntura geopolítica da época de eleição de João Paulo II, a escolha de um papa que vinha do Leste Europeu nos parece estratégica para os objetivos políticos do Ocidente. Karol Wojtyła havia nascido em um país que, mesmo sendo dirigido por um governo ateu, contava com a maior concentração de católicos entre a sua população (quase 90% de sua população). Além disso, a Polônia atravessava forte crise econômica, o que contribuía para enfraquecer o grupo político dirigente. A esperança dos que elegeram era, portanto, que o novo papa combatesse o comunismo soviético favorecendo os países ocidentais (CARLETTI, 2012, p.156).

Com isso fica evidente que o recém papa eleito, João Paulo II, tinha muito a contribuir para a atuação da Igreja no cenário internacional. De maneira ainda mais específica, ele tinha muito a contribuir no combate ao comunismo em sua terra natal, quando no ano de 1979 em visita à Polônia, Wojtyła expõe o programa do seu papado: a unificação da Europa (RESENDE; ZATYKA, 2014) e visto que a Polônia, no pós Segunda Guerra Mundial, possuía maior parte dos seus nacionais adeptos ao catolicismo, o que significa dizer que os ensinamentos católicos para essa população eram de grande importância. A respeito disso, é possível concordar com o autor Tarlton (2012) quando discorre que um dos fatores que torna a Igreja Católica um ator transnacional influente no sistema internacional é o fato de que ela está presente ao redor de todo o mundo e por conta de seu grande número de fiéis, igrejas e clero, tem influência direta em questões locais em diversos lugares. Tarlton diz que *“a Igreja utiliza seus ensinamentos sociais, sua autoridade moral e técnicas de não violência para inspirar e dar força à sociedade e aos indivíduos para agir”*¹³.

Tarlton (2012) diz que o líder da Igreja Católica ser polaco significou muito para o povo polonês, porque além da própria Igreja, sendo um ator transnacional, possuir habilidades para ajudar a Polônia. O papa ser polonês fazia com que ele compreendesse o que o povo estava passando e dessa maneira abrisse de maneira mais enfática as linhas de comunicação entre o Estado e a Igreja, Tarlton (2012) menciona, entre outras, que uma maneira que o Papa abriu as linhas de comunicação, entre a Igreja e a Polônia, foi através de suas viagens ao país e seus discursos. Tanto melhor compreendia Wojtyła a realidade polonesa, considerando que este sempre foi um polonês como qualquer outro, que teve que lutar na II Guerra Mundial, perdeu familiares e amigos na luta contra o nazismo, experimentou a crise econômica polonesa da década de 60, teve de trabalhar em minas em

¹³ “The Church utilizes its social teachings, moral authority, and non-violence techniques to inspire, and give power to society and individuals to act” (TARTLON, 2012, p.15).

situações precárias. Inclusive Wotjyla anos mais tarde como papa, irá demonstrar sua identificação especial com os trabalhadores, em sua homilia proferida no Santuário de Santa Cruz de Mogila próximo a Nowa Huta, cidade polaca construída com objetivo de abrigar os trabalhadores de uma das maiores siderúrgicas do país, afirmando que:

O cristianismo e a Igreja não têm medo do mundo do trabalho. Não têm medo do sistema baseado sobre o trabalho. O Papa não tem medo dos homens do trabalho. Eles sempre lhe estiveram particularmente próximos. Saiu do meio deles. Saiu das pedreiras de Zakrowek, das caldeiras de Solvay em Boreki, depois de Nowa Huta (JOÃO PAULO II, 1979)

Com essa atitude o Papa mostrava que ele estava do lado dos operários ao contrário do que expressava o regime comunista, uma vez que estes utilizavam força contra os operários, Kuzniar (2009, p.22) afirma que “*quando os comunistas fazem uso da força contra os operários perdem toda a legitimidade*”.

Tarlton (2012) também compreende que conforme se tornou claro o interesse pelos conflitos poloneses, de uma figura muito significativa no cenário internacional, como é o caso do Sumo Pontífice, a Polônia começou a receber atenção e assistência transnacional de outros atores internacionais, como vai ser o caso dos Estados Unidos, uma vez que o papa e o então presidente Ronald Reagan formam uma aliança secreta para ajudar os poloneses, o que até o presente momento não existia (TARTLON, 2012).

Para evidenciar a importância do Sumo Pontífice para o povo polonês, Tarlton (2012) diz que:

Uma estatística reveladora sobre quão influente foi o papel do Papa João Paulo II no catolicismo em geral na Polônia, é examinar os números de 1970, onde 74 por cento reivindicaram crenças religiosas, isso é antes de sua eleição e visitas. Então, na década seguinte, a porcentagem de pessoas que reivindicaram crenças religiosas aumentou para 96 por cento um aumento dramático em pouco tempo, sem dúvida graças às linhas de comunicação que foram abertas entre o Vaticano e o Papa¹⁴ (TARTLON, 2012, p.26)

João Paulo II além de ter sido um papa influente no contexto polonês, ao auxiliar na luta contra o regime comunista, foi igualmente importante para as outras nações que estavam sob domínio do regime, uma vez muitas pessoas viajavam

¹⁴ “A telling statistic about how influential Pope John Paul II was to the overall Catholicism in Poland is to look at the numbers from 1970’s where 74 percent claimed religious beliefs, this is prior to his election, and visits. Then in the following decade, the percent of people who claimed religious beliefs rose to 96 percent a dramatic increase in a short amount of time, no doubt thanks to the communication lines being open with the Vatican and the Pope” (Tarlton, 2012, p.26)

clandestinamente de países como a Rússia, Bulgária, Eslovênia e Tchecoslováquia para a Polônia para ouvir seus ensinamentos, como narra a autora Carletti (2012). Ele também foi importante para as relações diplomáticas da Igreja em geral, tendo vista que ele “*expandiu a rede diplomática do Vaticano em todos continentes*” (CARLETTI, 2012, p.48). Um fato interessante que reflete a importância do Sumo Pontífice no cenário internacional, exposto pela autora Carletti (2010), é que no dia da cerimônia de seu enterro, compareceram diversas autoridades de governo de vários continentes, como o presidente na época dos Estados Unidos, George W. Bush, Jacques Chirac, presidente da França, entre outros, demonstrando, assim, a sua importância no cenário internacional.

5. Conclusão:

Como conclusão do presente capítulo é possível compreender que a Santa Sé ou Sé Apostólica, como ator internacional que possui habilidades transnacionais, como nos permite concluir Tarlton (2012), possuía diversas razões para decidir atuar no contexto polonês de modo a influenciar na queda do comunismo.

Entre as razões levantadas no capítulo, as que se destacam seriam principalmente que a Igreja enquanto instituição (fundamentalmente religiosa que crê que todas as coisas foram criadas por Deus) fundada pelo Cristo, filho do Criador, tem como princípio essencial a criação do homem à imagem e semelhança de Deus, isso quer dizer, que a mesma valoriza a dignidade humana porque esta é a mesma que a do próprio Deus. Dessa maneira, a Sé Apostólica acredita ser missão sua defender o indivíduo de toda e qualquer situação que o reduza quanto ser criado por Deus. Assim, como foi evidenciado durante o capítulo vimos que a Igreja possuía razões para crer que o regime comunista, instaurado no pós Segunda Guerra, reduzia essa característica do ser.

O ser humano como criatura criada a tal dignidade, segundo os ensinamentos da Igreja Católica, também seria dotado de liberdade religiosa, uma vez que Deus criou a todos com o chamado “livre-arbítrio”, onde somente ele enquanto indivíduo poderia ser responsável pelas suas decisões, por aderir a crenças ou convicções. O regime comunista instaurado, tendo em conta o pressuposto marxista de que “*a religião é o ópio do povo*”, proibia manifestações públicas religiosas com objetivo de fortalecer o regime e com isso impedia diversas celebrações católicas em território

polonês, impedindo igualmente que indivíduos contraíssem os sacramentos da Igreja Católica.

Dessa maneira, através da figura do papa João Paulo II, que era polonês, portanto compreendia a realidade dos nacionais polacos, a Igreja Católica começou a se posicionar contra o regime, utilizando de seus instrumentos para encorajar o povo a ir à luta.

Com isso, percebe-se que as circunstâncias que circundavam este fato, o tornou propício segundo os fundamentos da Igreja, para que ela se posicionasse, enquanto agente do sistema internacional, em favor da democratização na Polônia. É importante notar que os fatores levantados neste capítulo não dizem respeito somente à atuação da Igreja, enquanto ator transnacional, em território polonês, mas aos seus fundamentos enquanto instituição, às suas crenças religiosas, que tiveram ainda um “catalisador”, uma vez que o papa vigente ao assumir o posto de cabeça da Igreja, coloca a Polônia como uma prioridade para o seu papado. A atuação da Igreja em outros cenários similares a este, se repete outras vezes, em outros países, como é o exemplo da mediação da Igreja durante a crise dos mísseis na década de 1960.

QUAIS FORAM OS MECANISMOS UTILIZADOS PELA IGREJA CATÓLICA PARA INFLUENCIAR NA QUEDA DO COMUNISMO NA POLÔNIA.

Neste capítulo, será apresentado o cenário polonês após o fim da Segunda Guerra Mundial e quais foram os mecanismos que a Igreja Católica utilizou neste cenário de modo a influenciar a queda do regime socialista instaurado desde o ano de 1939 com a invasão da União Soviética a leste do território polonês. Entre os diversos instrumentos da Igreja, serão analisados: as viagens papais à Polônia, os discursos proferidos, o apoio da Igreja ao movimento Solidariedade e a aliança feita com os Estados Unidos no combate ao regime.

1. Breve contexto histórico:

Devido à sua localização estratégica no centro do continente europeu, uma vez que era a principal conexão entre o Leste e o Oeste Europeu, a Polônia se tornou alvo das grandes potências da época. Dessa maneira, em agosto de 1939 a União Soviética e a Alemanha nazista, firmaram um tratado de não agressão entre as duas nações, chamado de Pacto Molotov Ribbentrop. Este tratado incluía igualmente a invasão e divisão da Polônia entre os dois países, a invasão do território polaco a oeste por parte dos nazistas e a leste por parte dos soviéticos, dando início assim a Segunda Guerra Mundial.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, o sistema internacional passou a viver uma ordem bipolar entre os Estados Unidos e a União Soviética, a Polônia, todavia, permaneceu sob domínio socialista. O regime socialista, no entanto, a partir dos anos 80 enfrentava uma grave crise estrutural de formação, segundo Wiatr (1990), a economia perdia sua capacidade de competir com as outras potências do comércio internacional, uma vez que se tornara uma economia atrasada em fatores econômicos e tecnológicos. A crise econômica, ao seu modo, passou a gerar efeitos sociais como a: *“deterioração dos níveis de saúde da população, retraimento da possibilidade de satisfazer suas necessidades nos campos da cultura, ciências e lazer, além das atividades tutelares a cargo do Estado”*. (WIATR, 1990, p.70)

Enquanto o regime da União Soviética enfrentava sérias dificuldades, também devido *“a baixa produtividade da agricultura, o endividamento externo resultado de uma industrialização voltada para a exportação, e certa inaptidão do grupo*

dirigente”, entre outras razões (VISENTINI, 2008, p.217 apud CARLETTI, 2012, p.159) a Igreja Católica elegia o seu 264^o papa, que seria um polonês, o que contribuiria para o processo de desestabilização que a União Soviética estava passando.

A crise além de causar efeitos sociais, também contribuiu para a formação de uma oposição e para o aumento dos números de protestos sociais (WIATR, 1990), processo este que foi fundamental no processo de democratização da Polônia que houve contribuição por parte da Igreja Católica. Apesar de que neste trabalho será abordado de maneira mais detalhada somente o movimento do Solidariedade, torna-se igualmente interessante observar os outros movimentos que existiam no cenário polonês que tinham apoio da Igreja Católica, como é o caso do KOR [*Komitet Obrony Robotnikow*].

O Comitê de Defesa dos Trabalhadores (KOR) foi criado após a violenta repressão que ocorreu aos trabalhadores nos protestos de 1976 e é visto como um movimento planejado pelo Karol Wojtyla enquanto ainda não era papa, esse comitê intencionava “*despertar politicamente os poloneses e dotá-los de instrumentos adequados para combater de maneira não violenta o poder comunista*” (CARLETTI, 2012, p.165). O KOR tinha forte ligação com os KIK [*Klub Inteligencji Katolickiej*] que eram os Clubes de Intelectuais Católicos (RESENDE; ZATYKA, 2014), esta aliança entre os participantes de ambos os grupos fez com que surgissem “*os primeiros núcleos da elite política democrática. A eleição de Karol Wojtyla ao papado em 1978 deu a esta aliança anticomunista uma nova dinâmica e uma dimensão global*” (RESENDE; ZATYKA, 2014, p.45).

Apesar de não ser o foco do trabalho, observou-se outro fator que cooperou para o processo de democratização que foi o surgimento e a força que a ala reformista foi contraindo conforme se notou o enfraquecimento do regime:

Em 1985, morre o líder soviético Chernenko e é eleito Gorbachev, um reformista. Ao assumir o poder numa União Soviética enfraquecida econômica e politicamente pelos golpes da corrida armamentista desencadeada pela nova direita americana da década de 1980, Gorbachev lançou no âmbito da política interna, ações reformistas, como a da *Glasnot* (transparência) e da *Perestroika* (reestruturação), visando reestruturar a economia e promovendo descentralização. No âmbito da política externa, Gorbachev promoveu uma aproximação com o bloco capitalista, consciente que a grave crise econômica do país tornava insustentável o prosseguimento da competição com a superpotência norte-americana. Visentini evidencia como a abertura de um país grande com um continente, rico em recursos naturais e cuja numerosa população podia transformar-se rapidamente num grande mercado de consumidores, representava para

Gorbachev uma ótima possibilidade de barganha para obter tecnologia e recursos naturais para a modernização do país. (VISENTINI, 2008, p.207 apud CARLETTI, 2012, p.166).

Dessa maneira, é possível notar que a Polônia anteriormente à ação ou intervenção direta da Igreja, já enfrentava uma grave crise política e econômica, como citado no trecho a cima. Este fato a tornou vulnerável às diversas forças externas tanto ao capitalismo como exposto, quanto às forças internas, no caso a oposição.

2. Apoio ao Movimento Solidariedade:

Skórzynski (2012) menciona que devido à grave crise econômica estrutural e política que a União Soviética passava, a oposição democrática que começava a surgir na década de 1981 na Polônia, começou a receber atenção por parte do regime comunista, haja vista que eles *“não sabiam como ultrapassar estes problemas sozinhos, o que levou os observadores soviéticos a aceitarem a introdução de uma oposição moderada na estrutura do Estado”* (SKÓRZYNSKI, 2012, p. 73), mesmo que esta introdução trouxesse diversos riscos para o regime em si.

Outro fator que foi analisado como contribuinte para que a oposição e o regime entrassem em acordo, foi a mudança política que ocorreu no regime no ano de 1985, posto que ao se tornar líder do Partido Comunista da União Soviética, Mikhail Gorbachev, propôs uma reforma do sistema. No mesmo ano em que assume o poder, Gorbachev permite que os partidos comunistas sejam independentes, assim cada partido era responsável pelo o que acontecia dentro do seu país, abandonando assim a chamada *“doutrina Brejnev”* (SKÓRZYNSKI, 2012), esta consistia no direito que a União Soviética possuía de intervir militarmente em todos os países comunistas. Skórzynski (2012) acredita que se não tivesse ocorrido esse abandono da doutrina de Brejnev, dificilmente o partido comunista polaco teria iniciado as negociações com a oposição.

Nesse contexto de crise estrutural do regime comunista, observou-se que a oposição democrática *“generalizou-se com o aparecimento do Solidariedade em 1980, que era muito mais do que um sindicato: representava a sociedade civil”* (SKÓRZYNSKI, 2012, p.71). O Solidariedade foi um movimento sindicalista fundado no ano de 1980 por Lech Walesa, a partir das greves que ocorreram nos estaleiros

navais da cidade de Gdansk, porém com o tempo este “*tornou-se um movimento de massa, reunindo grupos de matriz católica e anticomunista. Além de operários, o movimento contava com o apoio de intelectuais e fundou suas atividades na não violência, evitando confronto direto*” (CARLETTI, 2012, p.165).

Quanto a forma de atuação do Solidariedade, de modo a completar o que começou a ser mencionado no trecho a cima da autora Carletti (2012), Skórzynski (2012) vai mencionar que o movimento a princípio procurava atuar de maneira que não colidisse com o regime, uma vez que acreditava que as reformas necessárias só aconteceriam a partir da colaboração mútua entre a oposição e o grupo reformista do regime. Dessa maneira, “*o Solidariedade rejeitava o caminho da revolução violenta e estava constantemente a pressionar o Governo para iniciar conversações e chegar a um acordo que respeitasse as exigências dos dois lados*” (SKÓRZYNSKI, 2012, p.72).

Tendo este movimento sindical recebido apoio da Igreja Católica, é possível elencar o apoio ao movimento Solidariedade como mais um instrumento da Igreja Católica para auxiliar no processo democrático da Polônia, uma vez que Resende e Zatyka (2014) afirmam que o Solidariedade recebeu desde o princípio apoio da Igreja Católica polaca, porém mesmo a Igreja apoiando a formação do Solidariedade, ela não perdeu sua autonomia, de tal maneira que passou atuar como intercessora nas negociações entre oposição e regime. A principal contribuição da Igreja ao Solidariedade foi:

Para além do seu papel de mediação, um dos impactos mais significativos da Igreja no Solidariedade durante o período de 1980-81 foi a influência que teve na criação do *ethos* do Solidariedade. Membros do clero, tais, como o Padre Józef Tischner e, acima de tudo, João Paulo II e o seu evangelho da liberdade, providenciaram a doutrina no qual o programa ideológico do Solidariedade se baseou. (RESENDE; ZATYKA, 2014, p.46).

Dessa maneira, é possível afirmar que o apoio do papa foi fundamental na difusão do movimento Solidariedade, principalmente através dos seus discursos em que repetia várias vezes a palavra “solidariedade” com o intuito de fortalecer o movimento (BERNSTEIN; POLITI, 1996 apud HONORATO, 2014, p. 92). Honorato (2014) diz que o próprio líder do movimento, Lech Wałęsa, ao comentar sobre o apoio papal, afirma que este foi essencial “*para “arrastar as massas” às ruas e fazer do movimento uma das causas do fim do regime comunista*” (GONZAGA, 2010 apud HONORATO, 2014, p.93).

Por conseguinte, é possível notar também a importância da Igreja Católica para os poloneses através da utilização de símbolos que a representavam, através da afirmação de Tartlon (2012):

À medida que a viagem do Papa em toda a Polônia estava se movendo, era claro pelo apoio e número de pessoas que estavam aparecendo nos seus discursos, que as pessoas acreditavam nele e na Igreja Católica. Massas de pessoas estavam avançando com bandeiras polonesas que tinham a escrita “*Solidarnosc*”, provando a importância desse movimento e da Igreja Católica para eles. Durante os discursos, oficiais comunistas desviaram dezenas de pessoas da manifestação carregando exatamente essas bandeiras, bem como a bandeira da Santa Sé, e por outros motivos triviais¹⁵. (TARTLON, 2012, p.36, tradução nossa).

No ano de 1970, Paulo VI, discursava a respeito das razões que justificariam as ações diplomáticas da Santa Sé pelo mundo, sendo para ele a principal razão: a universalidade da Igreja. Para o papa, o fato da Igreja Católica não pertencer a uma cultura, sistema político, social ou econômico, permitia a ela “*poder servir de ligação entre as nações “desde que elas tenham confiança na Igreja e lhe reconheçam efetivamente a verdadeira liberdade para o desempenho de sua missão”*” (PAULO VI, 1970 apud CARLETTI, 2012, p.56). Dessa maneira, a atuação da Igreja quanto ao grupo Solidariedade será basicamente como havia mencionado Paulo VI, posto que diante da grave onda de greves que começaram a se espalhar pela Polônia no ano de 1988, o regime percebe que precisa do auxílio da oposição, o Solidariedade. Dessa maneira no dia 13 de junho de 1988:

O líder comunista General Jaruzelski anunciou, durante o plenário do Comitê Central, a criação de uma câmara alta no parlamento [...]. A intenção era introduzir alguns elementos pluralistas na instituição e de incluir a oposição no sistema político. Contudo, a linha dura do partido recusou-se a negociar diretamente com o Solidariedade, e, por essa razão, a liderança moderada do Partido decidiu pedir ao Cardeal Glemp que atuasse como intermediário com a oposição. A 3 de maio de 1988, o secretário do Comitê Central Stanisław Ciosek – encarregado de negociar com a oposição – informou o líder do KIK de Varsóvia, Andrzej Wielowieyski, que o partido estava pronto para iniciar negociações com o Solidariedade (RESENDE; ZATYKA, 2014, p. 47).

¹⁵ “As the Pope’s journey throughout Poland was moving along it was clear from the support and numbers of people that were showing up to his speeches that the people believed in him and the Catholic Church. Masses of people were turning up with Polish flags that had the writing “*Solidarnosc*”, proving how important this movement and Catholic Church was to them. During the speeches communist official turned dozens of people away from the rally for carrying these exact flags as well as the flag of the Holy See, and for other trivial reasons” (TARTLON, 2012, p.36)

À vista disso, no dia 4 de abril de 1989 o governo assinava com a oposição os chamados acordos de mesa redonda, onde foi decidida a criação de um parlamento que possuía duas câmaras. Tornando-se, após estes acordos, legalizado, o Solidariedade pôde concorrer nas eleições de 1989, em que teve igual auxílio da Igreja Católica Polaca (RESENDE; ZATYKA, 2014). Segundo Resende e Zatyka (2014) o Solidariedade ganhou nestas eleições “99 dos 100 lugares no Senado e todos os lugares aos que tinham direito a candidatar-se na câmara baixa”. Kuzniar (2009) afirma que aceitação da nova liderança polaca por maioria não comunista, irá igualmente influenciar diretamente os outros países vizinhos sob domínio do regime comunista.

3. Assistência Financeira:

A assistência financeira segundo Tartlon (2012) é a informação da atividade transnacional da Igreja mais difícil de ter acesso, uma vez que tudo era realizado de maneira secreta através de redes de organizações, de modo que o regime socialista que estava constantemente realizando investigações às organizações e aos movimentos de oposição, não tivesse acesso a tais informações.

Apesar de, segundo Tartlon (2012), não ser possível encontrar documentação apropriada para especificar quanto dinheiro foi transferido, é possível saber que a Igreja era uma grande financiadora de diversos partidos na Polônia durante o regime comunista, assim como financiava o movimento do Solidariedade. Um ponto interessante para analisar tal afirmação, segundo o mesmo autor, seria observar a quantidade de equipamentos, reuniões e pessoas que o Solidariedade possuía, mesmo sob a rígida lei marcial estabelecida no ano 1981 pelo regime, uma vez a lei marcial fez com que a Polônia passasse por uma grave crise econômica, com um aumento considerável dos preços através da nova reforma econômica proposta.

A tática utilizada, segundo Tartlon (2012), pela Igreja Católica era de que todos os recursos financeiros eram transferidos por contas secretas e por diferentes agências, além de haver fundos em contas estadunidenses como da CIA ou da Fundação Nacional para a democracia.

Outra maneira utilizada pela Igreja Católica para auxiliar o Solidariedade, segundo Tartlon (2012), foi através do fornecimento dos equipamentos necessários para que o movimento pudesse imprimir jornais clandestinos e outras publicações

para serem distribuídos a população. Tendo em mente que o regime comunista controlava os meios de comunicação, o Solidariedade precisava informar às pessoas sobre os avanços do movimento e outras notícias importantes, Tarlton (2012) menciona até mesmo que muitas vezes membros da igreja auxiliavam nas edições destes jornais.

Para que fosse possível o acesso a tal tecnologia, o envio de recursos por parte do Vaticano, decisão tomada por Wojtyła, junto aos recursos estadunidenses enviados por Reagan, foram de suma importância para o movimento (BERNSTEIN; POLITI, 1996; TARLTON, 2012).

4. Viagens:

Ao início de seu papado, João Paulo II, manifesta de imediato seu desejo “*de que todos os sistemas políticos abram as portas para Cristo, sendo esta já uma afirmação programática de luta pela cristianização da Europa*” (RESENDE; ZATYKA, 2014, p.45) na sua primeira homilia como papa, através das seguintes palavras:

Irmãos e Irmãs: não tenhais medo de acolher Cristo e de aceitar o Seu poder! E ajudai o Papa e todos aqueles que querem servir a Cristo e, com o poder de Cristo, servir o homem e a humanidade inteira! Não, não tenhais medo! Antes, procurai abrir, melhor, escancarar as portas a Cristo! Ao Seu poder salvador abri os confins dos Estados, os sistemas econômicos assim como os políticos, os vastos campos de cultura, de civilização e de progresso! Não tenhais medo! Cristo sabe bem "o que é que está dentro do homem". Somente Ele o sabe!¹⁶ (JOÃO PAULO II, 1978)

Dessa maneira, veremos que a Igreja Católica utilizará de viagens para alcançar o objetivo demonstrado à cima, de que as portas fossem abertas à Cristo. As suas viagens também terão como objetivo alcançar “*a paz, a convivência amistosa das nações e a justiça social*”¹⁷, como será expresso pelo papa João Paulo II na sua chegada ao aeroporto de Okecie em Varsóvia no ano de 1979. As viagens à Polônia além de serem um forte instrumento utilizado pela Igreja Católica no combate ao comunismo, também terão relevância no cenário internacional, tornando-se assim um projeto ainda mais ambicioso do papa João Paulo II. Foi

¹⁶ Homilia do papa João Paulo II no início do seu pontificado. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1978/documents/hf_jp-ii_hom_19781022_inizio_pontificato.html>

¹⁷ JOÃO PAULO II, 1979, Palavras de saudação do santo padre na chegada ao aeroporto de Okecie em Varsóvia. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/june/documents/hf_jp-ii_spe_19790602_polonia-varsavia-okecie-arrival.html>

observado que o papa pretendia igualmente “*por meio de viagens, João Paulo II queria devolver à Igreja Católica o que, segundo ele, cabia-lhe de direito: o reconhecimento internacional da posição de potência moral alternativa à divisão bipolar vigente na época*” (CARLETTI, 2012, p.162).

A primeira viagem do Papa polonês à sua terra natal acontecerá de imediato durante o primeiro ano de seu pontificado, em virtude do 900º aniversário do martírio de São Estanislau, padroeiro da Polônia. Apesar de que, segundo Dorneles (2005), o governo polonês ter recebido recomendações para não aceitar a visita do Papa João Paulo II, o governo não poderia negar a entrada de um polonês em sua nação, ainda que este fosse o representante da religião católica.

Dessa maneira, então, “*João Paulo II seria o primeiro pontífice a entrar num território comunista*” (DORNELES, 2005, p.22), uma vez que o seu predecessor Paulo VI, embora tenha recebido um convite por parte dos bispos poloneses para visitar a Polônia por ocasião do Milenário no ano de 1966, comemoração polonesa pelos mil anos de cristianização da Polônia, e o Papa tenha procurado diversos meios para conseguir a licença para a viagem, Gomulka negou expressamente o seu convite de maneira pública, conforme cita observação do documento da homilia do papa João Paulo II na Praça da Vitória em Varsóvia. Nesta ocasião, no ano de 1979, o papa João II começa a homilia na Praça da Vitória em Varsóvia com as seguintes palavras:

Desejo cantar convosco um hino de louvor à Divina Providência que me permite estar aqui nas vestes de peregrino. Sabemos que Paulo VI, recentemente falecido — primeiro Papa peregrino depois de tantos séculos —, desejou ardentemente pisar terra polaca, em particular Jasna Gora. E eis que sentimos que este desejo — tão forte e tão profundamente fundamentado, de tal modo que superou a duração de um pontificado — se realiza hoje e de forma dificilmente previsível¹⁸. (JOÃO PAULO II, 1979, Homilia do Santo Padre na praça da Vitória em Varsóvia)

Nos dias em que estive na Polônia João Paulo II reunia grandes multidões vindas também clandestinamente de outros países europeus, como já citado no capítulo anterior (CARLETTI, 2012), para ouvir seus discursos e homílias. O número de pessoas que foram ao encontro do papa em uma de suas paradas durante a sua primeira viagem à Polônia, chegou a treze milhões de pessoas, segundo Tartlon

¹⁸ JOÃO PAULO II, 1979. Homilia do santo padre na Praça da Vitória em Varsóvia. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1979/documents/hf_jp-ii_hom_19790602_polonia-varsavia.html>

(2012), número este que representava um terço da população polaca da época, mesmo com a presença eminente de um regime soviético opressor que nem sequer permitia, anteriormente à visita papal, que tais tipos de eventos ocorressem.

Carletti (2012) irá mencionar que o governo polonês embora não tenha conseguido impedir a visita de Karol Wojtyla à sua terra natal, utilizou dos meios de comunicação para evitar o que a autora chamaria de “efeitos colaterais”. Assim, embora tenha permitido a transmissão de seus discursos nas televisões, proibiu que fossem emitidas as imagens das multidões que se aglomeravam para ouvir o Papa polonês. Tartlon (2012), porém, complementa dizendo que:

Os pesados encargos e restrições em relação aos meios de comunicação e outros meios tornaram a comunicação difícil, porém com o Papa tornando sua presença conhecida, e a Polônia ouvindo a isto estava claro o que precisava ser feito e ficou claro que a Igreja estava se tornando um catalisador da mudança na Polônia¹⁹. (TARTLON, 2012, p.30)

Com isso, torna-se possível notar que os discursos papais realizados durante os dias de sua visita, igualmente à sua presença junto ao povo polonês, possuem força própria de convencimento e mudança, uma vez que, segundo Tartlon (2012), para a maior parte dos poloneses a comunicação entre o Vaticano e sua terra natal efetuou-se principalmente através dos discursos papais.

Tendo deixado claro ainda em sua primeira visita à Polônia, no ano de 1979, a intenção de retornar à sua pátria (JOÃO PAULO II, 1979, Palavras de Saudação do santo padre na chegada ao aeroporto de Okecie em Varsóvia). João Paulo II retornará à Polônia após quatro anos, em junho de 1983, sob o convite do Cardeal Primaz da Polônia Stefan Wyszyński, por ocasião do jubileu de 600 anos da presença da mãe de Deus no santuário de Jasna Gorá na cidade de Czestochowa, conforme cita em seu discurso na cerimônia de boas vindas²⁰.

Ainda no discurso da cerimônia de boas vindas do papa no aeroporto, em 1983, o Sumo Pontífice irá afirmar que visitar a Polônia no momento histórico vivido, além de ser um profundo desejo pessoal, também é sua tarefa enquanto chefe da

¹⁹“The heavy burdens and restrictions regarding media outlets and other such means made communication difficult, but with the Pope making his presence known and the country of Poland listening it was clear what needed to be done, and it was clear the Church was becoming a catalyst for change in Poland. (Tartlon, 2012, p.30)

²⁰ JOÃO PAULO II, 1983. Cerimônia de boas vindas: Discurso do santo padre. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1983/june/documents/hf_jp-ii_spe_19830616_arrivo-varsavia.html>

Igreja Católica. A visita tinha, igualmente, o intuito de motivar o movimento do Solidariedade a permanecer em luta, uma vez que este estava sofrendo fortes pressões do regime soviético, uma vez que a lei marcial imposta no ano de 1981 proibia todos os movimentos de oposição, como o Solidariedade (CARLETTI, 2012).

As viagens papais à Polônia também facilitaram os encontros entre o papa o líder do movimento Solidariedade, Lech Walesa, como o que ocorrerá em sua segunda visita à Polônia, posto que João Paulo II e Lech Walesa tiveram um encontro privado para conversarem a respeito do que ocorria na Polônia. Tarlton (2012) identifica este tipo de reunião como um dos meios de comunicação mais poderosos que conduziu a Polônia ao combate ao comunismo de maneira pacífica. Portanto é interessante observarmos que:

Após a imposição da lei marcial em dezembro de 1981 e da ilegalização do Solidariedade, as visitas do Papa à Polônia em 1983 e 1987 continuaram a influenciar a oposição na clandestinidade. Para além do apoio moral ao Solidariedade durante estas visitas, os ensinamentos doutrinários do papa sobre a dignidade da pessoa humana e a sua insistência de que as relações entre as nações deveriam ser baseadas no reconhecimento mútuo e na solidariedade entre as nações influenciou as futuras elites democráticas em assuntos de política interna e externa. (RESENDE; ZATYKA, 2014, p.46).

Por consequência da grande influência dos ensinamentos de João Paulo II sobre os cidadãos polacos, torna-se fundamental analisar os discursos papais para além de compreender o que era transmitido ao povo polaco, igualmente observar a influência que estas palavras possuíam sobre eles.

5. Discursos:

Para analisar a efetividade dos discursos do Papa João Paulo II, é importante notar quais eram os seus ouvintes e qual credibilidade que ele, enquanto orador, possuía diante destes, qual sentimento o Sumo Pontífice despertava nos ouvintes e quais eram os argumentos lógicos utilizados para validar seus discursos. Dessa maneira, inicialmente, será fundamental esclarecer os princípios do uso da retórica.

Lopes Junior (2011) afirma que a retórica é um instrumento de persuasão utilizado pelo orador, através da exposição de um conjunto de palavras, que só possui eficácia quando inserido em um contexto, capaz de “seduzir” aquele que recebe a mensagem. Segundo ele, o discurso seria um excelente meio de realizar a

retórica, sendo este definido como: “Na lingüística, o discurso é usado para designar um diálogo falado, contrastando com textos escritos. A palavra ‘discurso’ ainda engloba a interação entre falante e receptor ou leitor e escritor”. (FAIRCLOUGH, 2001. p. 21-24 apud LOPES JUNIOR, 2011, p.3).

Haja vista o que foi exposto, Lopes Junior (2011) irá afirmar, portanto, que o papa João Paulo II durante o período do seu pontificado, soube utilizar dos pilares da retórica a seu favor através dos seus discursos. Para melhor compreender a retórica em si, é importante elucidar seus pilares e como cada um deles foi utilizado no contexto do regime comunista, pelo então Papa da Igreja Católica.

Lopes Junior (2011) fazendo referência à obra de Aristóteles a respeito da retórica, afirma que esta possui três meios de persuasão: *ethos*, *pathos* e *logos*. O *ethos*, podendo ser um dos responsáveis pela persuasão dos ouvintes, resume-se à credibilidade de quem fala, podendo ter, essa credibilidade, diversas origens a partir das qualidades do orador. Enquanto o *pathos* diz respeito à paixão ou emoção que é despertada nos ouvintes pelo orador, o *logos* refere-se à lógica argumentativa do discurso.

Para melhor compreender o *ethos* do papa é importante perceber que este enquanto sacerdote já possui uma credibilidade inata ao seu posto. Weiss (2012) diz que de acordo com Weber, os principais atores da religião são aqueles “responsáveis pela coordenação da atividade religiosa, ou seja, são os profissionais da religião”, para isso Weber irá distinguir os sacerdotes dos mágicos, em tipos ideais, utilizando o seguinte quadro:

Quadro 1
Características dos Tipos Ideais do Sacerdote e do Feiticeiro em Weber

<i>Variáveis</i>	<i>Sacerdote</i>	<i>Feiticeiro</i>
Função	Honra às Divindades	Expulsa os Demônios
Status	Funcionário de um Grupo Organizado	Sujeito Autônomo
Saber	Intelectualmente Formado para o saber de uma Doutrina Conceitualmente Elaborada	Saber Essencialmente Empírico, sem Doutrina Racionalizada

Fonte: “Alguns elementos da sociologia”, Raquel Weiss, 2005, p.5.

Assim, através da contribuição feita por Weber, é possível afirmar que o sacerdote, neste contexto o Sumo Pontífice da Igreja Católica, possui credibilidade a partir de duas fontes: por sua capacidade intelectual e também por seu status na sociedade, enquanto “funcionário de um grupo organizado”. Se distinguindo do profeta, posto que enquanto membro de uma instituição que possui legitimidade, o sacerdote não necessita demonstrar suas capacidades a todo o momento, uma vez que ele adquire a credibilidade dada à Igreja enquanto instituição religiosa (LOPES JUNIOR, 2011, p.4)

Quanto a isso, cabe uma discussão a respeito da influência da Igreja Católica no cenário contemporâneo, de modo que nos leve a compreender se esta enquanto agente internacional, continua a influenciar na tomada de decisões do sistema internacional, mesmo após uma iminente perda de poder sofrida desde a Idade Média. Para tanto, Lopes Junior (2011) faz uma comparação entre o poder que a Igreja Católica possuía na Idade Média, em consequência do grande poder social e cultural retido por esta, visto que era a Igreja quem estabelecia os padrões de comportamento moral para a sociedade da época, e o poder que ela possui no contexto atual.

Em contraposição ao que ocorria na Idade Média, nos dias atuais, devido à (1) secularização, que é o processo no qual a religião perde significativamente a capacidade de influenciar as esferas da vida social, (2) ao surgimento das ciências como “*responsável pelo desencantamento do inexplicável que a religião guardava*” (LOPES JUNIOR, 2011, p.5), e (3) à modernidade que segundo Lopes Junior (2011) é o processo no qual o indivíduo começa a questionar os princípios das instituições, a Igreja evidentemente não possui o mesmo poder político e cultural, uma vez que ela não mais determina o proceder do indivíduo. No entanto, é possível notar que:

Seria leviano da nossa parte afirmar que mesmo não sendo mais o que era, a Igreja Católica Apostólica Romana não possui certa legitimidade e prestígio social. O capital simbólico adquirido – em resumo, a bagagem adquirida – ao longo de sua existência como instituição a legitima em diversas situações. O poder religioso é fruto da transação entre agentes religiosos e leigos, derivado da força simbólica de seus atos nas diferentes categorias de leigos. (LOPES JUNIOR, 2011, p.5).

Dessa maneira, no cenário em questão, o Papa João Paulo II além de possuir credibilidade diante do povo polonês por ser um sacerdote, sendo assim também representante de Deus, possuía igualmente credibilidade (*ethos*) cultural diante

destes ouvintes, uma vez que “*a formação de um ethos está ligada a questões de identidade*” (LOPES JUNIOR, 2011, p.2), o povo polonês se identificava igualmente com o Karol Wojtyła, sendo este um polonês.

Utilizando como exemplo o discurso de despedida do papa no dia 10 de junho de 1979, em que ele encoraja os cidadãos poloneses a lutarem pela sua autodeterminação, a afirmação de Tartlon (2012) contribui para o que foi exposto sobre a credibilidade do Karol Wojtyła não somente enquanto cidadão polonês, mas igualmente enquanto representante da Igreja Católica, ao afirmar que:

Esta é uma mensagem bastante poderosa, de novo não somente de um cidadão polonês, mas esta mensagem está sendo comunicada aos cidadãos poloneses através de toda a Igreja Católica e por causa da sua identidade católica, esta mensagem foi graciosamente recebida por toda a Polônia²¹. (TARTLON, 2012, p.38)

Carletti (2012) faz referência ao uso de linguagem utilizada pelo papa o que em certa medida contribuía para que o discurso dele possuísse certo grau de credibilidade e lógica especialmente para seus ouvintes poloneses:

Durante os dias da visita à sua terra natal, o papa dirigiu-se aos seus compatriotas usando uma linguagem aparentemente inócua. Ele estava acostumado a falar em código usando exemplos e metáforas que os poloneses entendiam. Isso lhe permitiu transmitir sua mensagem sem enfrentar abertamente o regime comunista. (GRIGULÉVCH, 1982, p.299 apud CARLETTI, 2012, p.159).

Outro pilar identificado também na retórica do papa é o *pathos*, posto que o papa através de suas mensagens, principalmente durante a sua primeira viagem à Polônia procurava incitar o povo polonês a lutar contra o regime soviético, de maneira pacífica, mostrando-lhes primeiramente “*a força de sua união, sua capacidade de ser nação*” (CARLETTI, 2012, p.160). É notável sua influência sobre as emoções dos poloneses e que seu discurso era cercado por uma racionalidade, uma vez que os poloneses, em seguida a sua visita e seus diversos discursos, começaram a lutar contra o regime de maneira pacífica como havia sido recomendado pelo Sumo Pontífice (TARTLON, 2012).

²¹“This is a very powerful message, again not just from a Polish citizen, but this message is being communicated to the citizens of Poland via the entire Catholic Church, and because of their Catholic identity this message was received graciously across Poland” (TARTLON, 2012, p.38)

Wojtyla, igualmente *“muito devido à sua experiência como ator e escritor durante a adolescência e a juventude, sabia como se utilizar da simbologia para afetar o povo, algo que ficaria marcado em seu pontificado”* (BERNSTEIN; Politi, 1996 apud HONORATO, 2014, p.36). Dessa maneira, nota-se que o curso de teatro concedeu a Wojtyla um forte carisma, uma vez que *“fez com que o então futuro papa se acostumassem a públicos”* (BERNSTEIN; POLITI, 1996 apud HONORATO, 2014, p.83). Tal carisma seria utilizado por ele para alcançar os propósitos que possuía para a Igreja Católica, de modo que João Paulo II *“não usaria armas tradicionais, mas seu poder de persuasão, um carisma peculiar que os meios de comunicação elevariam à máxima potência.”* (CARLETTI, 2012, p.162)

5.1 Dominação Tradicional e Carismática:

Fator igualmente relevante para tal análise seria observar o que Weber diz a respeito dos tipos de dominação. O Sumo Pontífice, João Paulo II, essencialmente se identificaria com a dominação tradicional, uma vez que esta *“se fundamenta na santidade da tradição, na crença e legitimidade do soberano, assinalado pela tradição para exercer seu mandato”*, uma vez que este é o representante de uma instituição religiosa. Porém ao observar o que Weber (2004, p.158) diz a respeito do carisma, como sendo *“uma qualidade pessoal considerada extra cotidiana e em virtude da qual se atribuem a uma pessoa poderes ou qualidades sobrenaturais”* Lopes Júnior (2011) afirma que o então papa da Igreja Católica também poderia ser considerado como sendo um líder carismático:

Além da dominação tradicional, ele exerce a *dominação carismática*, definida por Weber em *“virtude de devoção afetiva à pessoa do senhor e a seus dotes sobrenaturais (carisma) e, particularmente: a faculdades mágicas, revelações ou heroísmo, poder intelectual ou de oratória.* (WEBER, 1982, p.134 apud LOPES JUNIOR, 2011, p.10).

Esse carisma, segundo Weber (2004), poderia ser um ponto de partida para uma mudança de entendimento e de atitude, uma vez que os líderes carismáticos genuínos têm uma nova maneira de se comportar se comparado com os outros tipos de líderes ou profetas, anunciando, assim, um *“mandamento inovador”*, seja por inspiração, iluminação, vontade pessoal ou por quaisquer outros motivos.

O aspecto inovador pode ser encontrando na figura do papa João Paulo II, até mesmo em seu discurso diante do comunismo, uma vez que ele *“veio a ser o autor de um novo discurso anticomunista que redesenhou as linhas de batalha contra o*

comunismo” (RESENDE; ZATYKA, 2014, p.45), principalmente se comparado com os seus predecessores, como o papa Pio XII que era “*um dirigente conservador, com uma visão de doutrina e administração clerical ligada aos princípios emanados do Concílio Vaticano I*” (ARRAES, 2005, p.4).

6. Aliança com os Estados Unidos:

Na primeira parte de seu mandato, Ronald Reagan, presidente dos Estados Unidos da América (EUA), tinha uma relação bastante preocupante com a União Soviética (URSS), Reagan descreveu a própria URSS como o “império do mal”, segundo (SÁ, 2014), isso fez com que a União Soviética acreditasse que poderiam sofrer um ataque nuclear preventivo estadunidense. Contudo, com a mudança na política de Reagan que passaria a se basear na cooperação e diálogo entre os dois países, a relação EUA-URSS iria ser alterada a partir do ano de 1984 de modo que as potências começassem a negociar os acordos sobre armamentos. Sá (2014) afirma que:

Uma explicação para a alteração da política soviética dos Estados Unidos reside no fato de as estratégias ofensivas levadas a cabo entre 1981 e 1983 terem conduzido a um clima de hostilidade com poucos precedentes, sem qualquer ganho significativo para os dois países. (SÁ, 2014, p.43)

Essa mudança política de Reagan cooperou igualmente para que a Igreja Católica, que durante tantos anos havia procurado ter uma relação de cooperação com os Estados Unidos, pudesse finalmente no ano de 1984 estreitar laços com o governo estadunidense de modo a cooperar com a situação polonesa. Carletti (2010, p.47) afirma que “*as relações bilaterais da Santa Sé têm como objetivo cuidar das relações entre Igreja e Estado, mas também trabalhar juntos para os problemas da paz regional ou mundial*”.

À vista disso será exatamente no intuito de alcançar a paz regional que a Santa Sé firmará uma aliança política e financeira com o então presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan. Apesar de possuírem o mesmo objetivo: derrotar a União Soviética, principalmente nos países da América Latina e do bloco soviético, especialmente a Polônia, é possível afirmar que as intenções eram opostas, uma vez que os EUA procuravam expandir o seu poder hegemônico, enquanto a Igreja Católica contraíra um discurso mais altruísta (CARLETTI, 2012). Carletti (2012) afirma que a aliança, no entanto, será conservada somente até a queda do regime,

uma vez que atingido o objetivo principal, esvaziam-se os interesses comuns entre ambos.

7. Conclusão:

Como conclusão deste capítulo, foi observado que a Igreja Católica decidira intervir em um contexto já relativamente instável, visto as crises e instabilidades internas que ocorriam no território polonês. Esse cenário também contribuiu para a adesão por parte da sociedade civil aos princípios católicos expostos no capítulo anterior.

Frente a essas crises, a Igreja Católica demonstrou ter escolhido políticas eficazes para determinar a queda do regime no cenário polonês. As mais relevantes entre as analisadas no trabalho, foi o apoio ao movimento de oposição Solidariedade e as viagens do papa à Polônia. Tendo em vista que durante as viagens o Sumo Pontífice encontrava oportunidade não somente para comunicar diretamente à população a posição da Igreja Católica, como também para se reunir com os representantes dos movimentos de oposição. O movimento de oposição mostrou ser outro instrumento eficaz para a queda do regime comunista, uma vez que somente os próprios civis poderiam derrubar o regime instaurado.

João Paulo II, papa vigente durante o período, recebe a devida atenção mais uma vez nesse capítulo, uma vez que ao identificá-lo como líder tradicional e carismático, concordamos com a sociologia weberiana que afirma que o carisma poderia ser um ponto de partida para a mudança e a transformação. Na figura do polonês Karol Wojtyła, o papa João Paulo II, é atribuído significativo poder de contribuição ao contexto polonês, pela sua nacionalidade, de igual modo ao significado que a Igreja enquanto instituição reconhecida pelos anos atribuiu ao seu discurso.

ANÁLISE À LUZ DA TEORIA CONSTRUTIVISTA

Neste capítulo será observado como a influência da Igreja Católica sobre o processo de democratização da Polônia argumenta com as idéias da teoria construtivista convencional, de modo a elucidar como as ideias e crenças dos cidadãos poloneses influenciados pela doutrina católica cooperaram para a queda do regime comunista na Polônia.

O construtivismo é uma teoria que começou a contrair notabilidade no campo de Relações Internacionais, a partir de 1980, uma vez que na Guerra Fria a teoria neorrealista não conseguiu explicar sobre o padrão de equilíbrio de poder entre a União Soviética e os Estados Unidos,

Jackson e Sørensen (2013, p.233) afirmam que *“logo ficou claro que a parcimoniosa teoria neorrealista não era absolutamente clara quanto aos desenvolvimentos futuros do equilíbrio de poder”*. Em resposta às limitações da teoria neorrealista, os construtivistas irão propor que focar nos pensamentos e ideias conduz a uma melhor análise sobre a anarquia e o equilíbrio de poder, negando, assim, o foco materialista visto que acreditam que:

O aspecto mais importante das relações internacionais é social, não material. Além disso, afirmam que essa realidade social não é objetiva, ou externa, ao observador dos assuntos internacionais. O mundo social e político, incluindo o das relações internacionais, não é uma entidade física nem um objeto material externo à consciência humana. Conseqüentemente, o estudo das relações internacionais deve concentrar-se nas ideias e crenças que informam aos atores no cenário internacional, assim como as compreensões que eles compartilham. (JACKSON; SØRENSEN, 2013, p.232).

Para agregar à análise sob a luz da teoria construtivista, torna-se fundamental trazer alguns princípios sociológicos de Durkheim e Weber sobre a religião, visto que estes irão nos auxiliar a compreender qual a influência da religião sobre os indivíduos, conseqüentemente sob os Estados e como ela a exerce. A princípio trataremos as contribuições de Durkheim a respeito da religião.

1. Aspectos da Sociologia Durkheimiana sobre a religião:

O sociólogo francês, Emile Durkheim, nascido no ano de 1858, procurou compreender, em linhas gerais, a essência do fenômeno religioso e quais são suas formas elementares, classificando a religião em si como um fato social.

A princípio Durkheim (2000) diz que o fato social não compreende a todas as atividades que acontecem no interior da sociedade, mas corresponde somente às atividades que realizamos por haver uma pressão externa, por haver uma imposição de que aquele proceder é correto, sendo a palavra “social” utilizada somente para ser possível diferenciar de tudo o que não se encaixa em outras categorias de fatos que já existem, tornando-se assim do domínio da sociologia.

Durkheim (2000, p.47) afirma que fato social: “*consistem em maneiras de agir, de pensar e sentir exteriores ao indivíduo, dotadas de um poder de coerção em virtude do qual se lhe impõem*”, para exemplificar tal prerrogativa o sociólogo pede que observemos à maneira com que as crianças são educadas em nossa sociedade, segundo ele, a educação teria por objetivo maior a formação do ser social. Tendo isso em conta, o sociólogo caracteriza as religiões como fatos sociais, uma vez que todas elas possuem carácter instrutivo e manifestam existência própria, desse modo Durkheim (2000, p.47) afirma que o homem ao nascer “*encontra prontas as crenças e as práticas da vida religiosa; existindo antes dele, é porque existem fora dele*”.

Ainda sobre o fato social, é interessante observar que se o indivíduo por alguma razão decide agir de outra maneira, se não a que é convencionalmente sugerida, passa a haver uma pressão da sociedade e em alguns casos podendo haver até mesmo sanções contra este indivíduo.

Além do mais, torna-se relevante observar como o sociólogo caracterizou a religião, visto que este é um dos mais significativos estudiosos na área do estudo das religiões. Durkheim antes de definir o que é religião, afirma que é necessário encontrar quais são os fundamentos elementares da religião, de modo que se possa encontrar tais características em qualquer religião. Nesse intuito, o sociólogo irá dizer que “[...] o que é necessário e possível é indicar um certo número de sinais exteriores, facilmente perceptíveis, que permitem reconhecer os fenômenos religiosos quer que eles se encontrem” (DURKHEIM, 2003, p. 4 apud WEISS, 2012, p.102).

Weiss (2012) afirma que são identificados por Durkheim dois fundamentos que constituem a religião, seriam estes a 'crença' e o 'rito'. Dessa maneira, a crença segundo a autora, Weiss (2012), que realiza uma análise da obra de Durkheim, seria:

As crenças são representações de algo específico, e é justamente esse algo, ou seja o *objeto* da crença, que a define enquanto *crença*. De acordo com Durkheim, as representações religiosas, ou seja, as crenças, caracterizam-se por impor um certo olhar que divide a realidade entre o sagrado e o profano, enquanto oposições absolutas (WEISS, 2012, p.104).

Já os ritos seriam as ações religiosas, a prática em si, a autora menciona um trecho da obra de Durkheim em que ele diz que os ritos são: “[...] regras que determinam como o homem deve comportar-se com as coisas sagradas” (DURKHEIM, 2003, p.24 apud WEISS, 2012, p.104). Dessa maneira então, segundo Weiss (2012), rito e crença cooperam para que a religião seja um todo moral com coerência, deste modo Durkheim definiu aspectos elementares universais que faziam parte de quaisquer religiões.

Mais adiante a autora Weiss (2012) afirma que somente estes aspectos não são suficientes para definir as religiões, uma vez que estes fenômenos podem ser igualmente encontrados na magia. Assim, vendo ser necessário, Durkheim irá então distinguir magia de religião, a partir do conceito de 'igreja':

O elemento crucial para distinguir magia de religião está relacionado ao conceito de igreja, sendo esta definida por Durkheim (2003, p.28) como “[...] uma sociedade cujos membros estão unidos por se representarem de uma mesma maneira o mundo sagrado e por traduzirem essa representação comum em práticas comuns”. De acordo com a avaliação do sociólogo, não há vida religiosa sem igreja, pois “[...] onde quer que observemos uma vida religiosa, ela tem por substrato um grupo definido (DURKHEIM, 2003, p.29 apud WEISS, 2012, p.105).

À vista disso podemos concluir a análise durkheimiana com o trecho do autor, que realiza uma síntese do que foi anteriormente exposto:

Uma religião é um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral, chamada igreja, todos aqueles a que ela aderem (DURKHEIM, 2003, p.32 apud WEISS, 2012, p.106).

2. Aspectos da Sociologia Weberiana sobre a religião:

Diferentemente de Durkheim, Weber irá focar seus estudos em compreender qual a influência da religião sobre o comportamento humano, seus modos de vida e ações, segundo Weiss (2005), em seu artigo a respeito da Sociologia da Religião de Max Weber:

Em geral, não estamos lidando com a essência da religião, mas com as condições e os efeitos de um certo tipo de ação comunitária, cujo entendimento só pode ser alcançado a partir das experiências subjetivas, representações e fins do indivíduo – ou seja, a partir do sentido – orque o seu curso é muito polimórfico²² (WEBER, 1983, p.328 apud WEISS, 2005, p.2, tradução nossa)

A autora alega que a ação religiosa para Weber é “*definida justamente como a relação do homem com o divino*” (WEISS, 2005, p.3), essa relação com o divino para Durkheim era expressa através dos símbolos, ou seja, para Durkheim os símbolos representavam uma realidade existente, a sociedade, para Weber os símbolos “*são os meios capazes de dar uma significação às forças sobrenaturais nas quais o homem acredita*” (WEISS, 2005, p.3). No entanto, segundo a autora mencionada, Weber concentra mais sua análise na interação da religião com o indivíduo, dessa forma, ele irá dizer que a religião seria uma ‘*ação comunitária*’, uma vez que “*ação comunitária é aquela ação orientada pelo sentimento dos agentes de pertencerem a um todo*” (WEISS, 2005, p.4), esta ideia de unidade segundo a autora proporciona aos membros desta comunidade certos padrões de ação.

Mais uma vez, distinguindo-se de Durkheim que somente procurou encontrar os elementos essenciais das religiões, Weiss (2005) vai dizer que Weber procura classificar os tipos ideais de religião, iniciando pela religião “*puramente ritual*”, que irá se distinguir da “*religião de convicção*”, uma vez em que na primeira o indivíduo não se opõe ao mundo, mas procura se ajustar a ele e na segunda a ação do indivíduo no mundo será de acordo com o que a sua religião diz, de modo a se contrapor ao mundo.

A respeito da ação do indivíduo no mundo Weiss (2005) afirma que: “*A influência da religião sobre a vida prática varia muito segundo o caminho da*

²² “En general, no tratamos de la esencia de La religión, sino de las condiciones y efectos de un determinado tipo de acción comunitária, cuya comprensión se puede lograr solo partiendo de las vivencias, representaciones y fines subjetivos del individuo – esto es, a partir del sentido – pues su curso es demasiado polimorfo” (WEBER, 1983, p.328 apud WEISS, 2012, p.2)

salvação que é prescrito e segundo a “qualidade psíquica” da salvação que se pretende alcançar”, sendo assim necessário compreender quais são os tipos de religião. De acordo com os caminhos de salvação, Weiss (2005) alega que Weber irá dividir as ‘religiões de convicção’ em ‘religiões de salvação’ e ‘religiões soteriológicas’, na primeira a salvação viria sem que fosse necessária a mediação de algum poder extraordinário, somente através da ação humana, como por exemplo, a religião budista. Já na segunda, segundo Weiss (2005), é essencial que haja esta mediação, sendo assim reconhecido pela fé que se faz necessário um mediador para que haja a salvação, o salvador, como é possível notar que é o caso do catolicismo, religião foco do presente trabalho.

Em seguida, Weiss (2005), afirma que Weber apresenta dois tipos ideais de condutas éticas, sendo o primeiro o comportamento ascético e o segundo o comportamento místico. No comportamento místico a religião entende que o indivíduo deve ter uma postura de abdicação do mundo, já no comportamento ascético o homem é visto como:

Instrumento da vontade divina, e dependendo do que a religião defende como sendo a vontade divina, a ascese pode ser dar de duas maneiras distintas. No primeiro caso, temos uma ascese que postula um recusa do mundo, em que o crente adota a postura de “estar no mundo sem ser do mundo”, e acredita que pela prática de orações e da caridade, contribui para o Reino de Deus, como é o caso dos monges cristãos. No segundo caso temos uma ascese que acontece no mundo, em que o trabalho é visto como a possibilidade de glorificação de Deus, por isso deve ser tão bem feito quanto possível (WEISS, 2005, p.6).

Sendo, portanto, uma religião monoteísta, que acredita em um só Deus, observamos que o catolicismo se encaixaria segundo os conceitos weberianos como uma religião soteriológica que entende que o indivíduo deve ter um comportamento de ascese, no qual o fiel acredita que através das práticas como orações e caridade ele alcançaria o Reino dos céus.

Igualmente mencionado por Weiss (2005) será o princípio da fraternidade acósmica, responsável por fundar uma ética a qual *“exige, por parte de todos, uma atitude de caritas, que por definição é um amor concreto, que visa o bem de todo sofredor”* (WEISS, 2005, p.10). Tais atitudes caridosas acontecem com intuito de agradar a Deus, segundo a autora. Este comportamento também é possível ser encontrado na religião católica apostólica romana de modo confirmar a argumentação de Weber:

É justamente este sentimento comum de um sofrimento que existe ou que pode vir a existir que congrega os fiéis em torno de uma comunidade religiosa, comunidade na qual todos procuram agir orientados pelo princípio da fraternidade, com o intuito de se manterem livres do sofrimento (WEISS, 2005, p.10).

Esse comportamento de fraternidade será encontrado no contexto polonês, uma vez que os indivíduos poloneses ao decidirem lutar contra o regime também estavam apoiados nesse princípio, procurando assim não somente o fim do seu sofrimento individual, mas coletivo.

3. Aspectos da teoria Construtivista:

Observando que a teoria construtivista concorda com Max Weber, uma vez que acredita que para analisar a ação social é necessário servir-se da compreensão interpretativa (RUGGIE, 1998 apud JACKSON; SØRENSEN, 2013, p.239), retornaremos a evidenciar os princípios construtivistas. Admitindo que o construtivismo compreende que as Relações Internacionais, enquanto ciências sociais, não podem ser “objetivas” como as ciências exatas, pois esta depende das ideias e do pensamento humano para se configurar e estes podem mudar de acordo com o tempo e o espaço. Os autores afirmam que o conhecimento a respeito do mundo será sempre subjetivo, pois ele é “*filtrado pela consciência humana*” como afirma Kant (JACKSON; SØRENSEN, 2013, p.234), assim, é possível concluir que:

Se mudam os pensamentos e as ideias que redundam na existência das relações internacionais, o próprio sistema também muda, pois consiste em pensamentos e ideias. Esse é o entendimento subjacente à frase, frequentemente repetido, do construtivista Alexander Wendt "A anarquia é o que os Estados fazem dela (JACKSON; SØRENSEN, 2013, p.232).

O construtivismo irá afirmar que o mundo social é formado pelas ideias, crenças e pensamentos humanos, portanto, assim sendo elaborado pelos próprios homens, este adquire diante deles um significado particular. Dessa maneira, este todo, que corresponde ao mundo social, tem um sentido para o indivíduo, tornando-se, desse modo, “*inteligível*” para o homem (JACKSON; SØRENSEN, 2013, p.236). Haja vista a importância das ideias para os indivíduos, é interessante observarmos que:

O mundo social é parcialmente constituído de entidades físicas; observe-se que a citação de Wendt menciona "recursos materiais" entre os elementos que compõem as estruturas sociais; nesse sentido, o materialismo é parte do construtivismo. Mas as ideias e crenças concernentes a essas entidades é que são o mais importante: o que essas entidades significam nas mentes das pessoas. [...] O elemento físico está lá, mas é secundário em relação ao elemento intelectual que lhe infunde significado, que o planeja, organiza e orienta (JACKSON, SØRENSEN, 2013, p.236).

Para Wendt, de acordo com Jackson e Sørensen (2013), as estruturas sociais possuem três elementos, sendo estes: "*as ideias compartilhadas, os recursos materiais e as práticas*". Sendo primeiramente definidas a partir das ideias, as estruturas sociais, são formadas pelas crenças compartilhadas, em seguida a partir dessas ideias será definido quem são os atores e qual tipo de relação estes terão entre si, podendo ser amistosa ou de discórdia. Conclui-se a partir deste trecho que interesse e poder são relações estabelecidas a partir das ideias que os atores envolvidos nelas contraem uns dos outros, ou seja, para o construtivismo "a premissa inicial é de que o mundo material é indeterminado e interpretado num contexto de significação mais amplo. As ideias, assim, definem o significado do poder material." (TANNENWALD 2005, p.19 apud JACKSON; SØRENSEN, 2013, p.237).

Tendo isso em vista, notamos que o fator material por si mesmo não é tão importante quanto o que os atores do sistema internacional pensam uns dos outros, divergindo assim mais uma vez da teoria neorrealista, em que as ideias não têm tanta relevância quanto o interesse material. Esses pensamentos, no entanto, para possuírem relevância devem ser necessariamente compartilhados, segundo Jackson e Sørensen (2013):

O elemento ideacional central em que os construtivistas se concentram são as crenças (e ideias, concepções e pressupostos) intersubjetivas amplamente compartilhadas pelas pessoas. Para que tenham importância, as ideias devem ser amplamente compartilhadas; não obstante, podem ser sustentadas por diferentes grupos, como organizações, formuladores de políticas públicas, grupos sociais ou sociedades. "Ideias são construtos mentais sustentados por indivíduos, conjuntos de crenças, princípios e atitudes distintos que fornecem orientações gerais para comportamentos e políticas (TANNENWALD 2005, p.15 apud JACKSON; SØRENSEN, 2013, p.238).

Em acréscimo ao que foi exposto, a teoria construtivista observa que não existe um só tipo de ideia, mas diversos, sendo estas ideias divididas em quatro tipos: (1) Ideologias ou sistemas de crenças comuns, (2) crenças normativas, (3)

crenças causais e (4) prescrições políticas (TANNENWALD, 2005, p.15 apud JACKSON; SØRENSEN, 2013, p.239).

Sendo somente dois os tipos de ideias encontradas no contexto polonês, esclareceremos inicialmente o primeiro tipo, as “ideologias ou sistemas de crenças comuns”, este conjunto de ideias consiste em um aglomerado de “*doutrinas ou crenças que refletem as necessidades e aspirações sociais de um grupo, classe cultura ou Estado*” (TANNENWALD, 2005, p.15 apud JACKSON; SØRENSEN, 2013, p.239). O sistema de crenças comuns correspondendo, no contexto analisado, às crenças católicas e seu conjunto de ensinamentos morais, a respeito da dignidade da pessoa humana e a chamada Doutrina Social da Igreja, é o primeiro tipo de crença e pensamento identificado que impulsionou os poloneses a lutarem pela democratização da Polônia.

O segundo grupo de ideias identificadas neste contexto são as “crenças causais”, que cooperaram igualmente para o enfraquecimento da União Soviética no Leste Europeu. Apesar de não ser o objetivo central do trabalho, foi percebido que a mudança de pensamento por parte de integrantes do próprio regime é um outro fator significativo que colaborou para a queda do regime, mesmo não tendo sido a intenção dos governantes da época enfraquecer o regime, mas o contrário fortalecê-lo, como é o caso do Gorbachev. Observando que este conjunto de ideias corresponde às “*relações de causa e efeito, ou de meios e fins. Elas... fornecem orientações ou estratégias para indivíduos sobre como atingirem seus objetivos*” (TANNENWALD, 2005, p.15 apud JACKSON; SØRENSEN, 2013, p.240). A fim de exemplificá-las, os autores utilizam exatamente o contexto do Leste Europeu ao afirmar que “*a mudança de crenças dos líderes soviéticos quanto à eficácia (ou, mais precisamente, ineficácia) do uso da força influenciou sua decisão, em 1989, de não empregá-la para manter o Leste Europeu sob o controle da União Soviética*” (JACKSON; SØRENSEN, 2013, p.239).

Quanto às formas de poder, a teoria construtivista afirma que não existe uma somente, segundo Barnett e Duvall (2005, p.3-4 apud JACKSON; SØRENSEN, 2013, p.240), existiriam quatro: o poder compulsório, poder institucional, poder estrutural e poder produtivo. Quanto aos tipos de poder, considerar-se-á nessa análise o poder da Igreja Católica, como um poder institucional, uma vez que este acontece quando os atores possuem controle indireto sobre outros.

Wendt nega o pensamento neorrealista de que a anarquia levaria os atores do sistema obrigatoriamente a uma conduta egocêntrica, para ele o comportamento dos agentes só seria determinado a partir do momento que ocorresse a interação entre eles, sem poder ser previamente determinado. Para ele, seria essa interação que *"cria e exemplifica uma estrutura de identidades e interesses e não outra; a estrutura não tem existência nem poderes causais à parte desse processo"* (WENDT 1992, p.394 apud JACKSON; SØRENSEN, 2013, p.240). Portanto, as estruturas que guiam nossas ações e papéis são estabelecidas a partir dos significados coletivos adquiridos nas interações (WENDT, 1992, p.397 apud JACKSON; SØRENSEN, 2013, p.240)

4. Conclusão:

Como conclusão deste capítulo teórico, reparamos que para analisar a influência da Igreja Católica no contexto polonês de acordo com a teoria construtivista seria fundamental investigar quais são as condições discursivas que fazem funcionar os fenômenos "materiais" (JACKSON; SORENSEN, 2013). Dessa maneira foi importante compreender como se configura a influência que a religião pode exercer sobre o indivíduo, uma vez que os aspectos ideacionais do construtivismo dialogam com os aspectos ideacionais da sociologia sobre a religião. Nesse intuito, foi analisado os aspectos sociológicos durkheimianos e weberianos, assim, notou-se inicialmente com o conceito de "fato social", proposto por Durkheim, que a religião se configura como uma estrutura, ao propor comportamentos e crenças aos indivíduos.

Tendo em consideração, como pressupõe a teoria construtivista que são as ideias, pensamentos e crenças dos atores internacionais que constituem o sistema internacional, observamos que as religiões em geral, ao sugerirem suas regras, princípios e leis, contraem um significativo poder institucional, através dessa influência indireta nos mais diversos cenários internacionais através dos seus agentes envolvidos.

Quanto as ideias que o catolicismo procura utilizar para influenciar nas ações dos atores, foi identificado o princípio da fraternidade, como condutor das ações dos indivíduos. Assim, conclui-se que tendo sido os princípios católicos amplamente compartilhados entre a sociedade civil polonesa, em grande parte a partir dessa interação do papa com a população, eles se tornaram, portanto, uma ideia comum

entre os poloneses. O fato de ter se tornado uma ideia largamente compartilhada entre diversos grupos poloneses, fez com que eles encontrassem nesta estrutura de crenças e regras, um elemento de emancipação que os fez lutar juntos pelo mesmo propósito que era a democratização do Estado. Dessa maneira, mesmo que revela condicionar o comportamento dos agentes, segundo a teoria estruturalista, foi observado neste contexto analisado, que os indivíduos conscientes utilizaram da própria estrutura religiosa para alcançar seus objetivos, de liberdade religiosa, de expressão, política, entre outras.

CONCLUSÃO

Constatou-se no primeiro capítulo desse trabalho que as principais motivações e crenças que conduziram a ação da Igreja Católica no território polonês foram essa procura pela sua própria livre atuação nos países, de modo a transmitir os valores cristãos, a busca pelos direitos humanos dos cidadãos como a liberdade religiosa e por fim a sua evidente oposição ao comunismo, uma vez que este promovia oficialmente o ateísmo

Dessa forma, através dos mecanismos analisados no capítulo dois, foi verificado que a Igreja Católica agiu em concordância com os princípios expostos no primeiro capítulo. Os seus ensinamentos foram transmitidos principalmente através das homilias do Sumo Pontífice, João Paulo II, seus discursos e reuniões particulares com os representantes da oposição, durante suas viagens à Polônia que ocorrem nos anos de 1979, 1983 e 1987, embora esta última viagem no ano de 1987 não tenha sido analisado durante o trabalho. No âmbito teórico da área de Relações Internacionais o construtivismo afirma que o sistema internacional, não é formado efetivamente pelos fatores materiais, mas pelas ideias que os atores têm uns dos outros. Dessa maneira, notou-se que a Igreja, utilizou instrumentos eficazes no processo de democratização da Polônia, principalmente observando a partir desse ponto de vista construtivista, como foi proposto nesse trabalho. É possível realizar tal afirmação, tendo em mente que a diplomacia da Santa Sé atuou de forma a investir na proposição de crenças e ideias do maior grupo de pessoas que poderiam mudar a situação da política interna polonesa, os próprios poloneses.

Dessa maneira, é notável uma certa convergência entre a teoria construtivista e o estudo de caso analisado uma vez que se observa que os ideais católicos em conjunto com os ideais de liberdade de expressão, religiosa, política e de democracia, assim como a mudança de pensamento por parte do próprio regime comunista, amplamente compartilhados entre os diversos grupos da sociedade polonesa, de fato fizeram com que o sistema se transformasse. Refletindo assim, a importância não dos meios materiais, mas de fato do conteúdo da interação entre os agentes do cenário polonês durante a Guerra Fria, foi possível realizar um diálogo entre a teoria construtivista e o estruturalismo, de modo que apesar da estrutura condicionar o agente, este não está perpetuamente preso à ela, podendo este usar dos elementos de uma estrutura para emancipar-se de outra, como foi o caso dos

poloneses que utilizaram dos princípios católicos de dignidade da pessoa humana para combaterem a estrutura comunista.

Foi verificado igualmente que a Igreja é um ator do sistema internacional que possui significativo capital simbólico e, como mencionado no capítulo dois, credibilidade diante não somente dos católicos, mas também dos outros atores. É possível afirmar sob um ponto de vista construtivista, que a Igreja permanecerá tendo relativa influência no sistema internacional, enquanto seus princípios, ideias e crenças católicas continuarem sendo largamente divididos entre os milhares de fiéis espalhados pelo mundo, podendo mesmo ter relevância nos mais diversos cenários mundiais.

Através da pesquisa foi possível concluir igualmente que o poder de influência da Igreja Católica está em grande parte atrelada a figura do papa, não somente porque este é o representante da Igreja, mas porque a personalidade e carisma do papa podem aumentar a influência da Igreja pelo mundo, visto que é ele quem promove a interação da Igreja com os Estados, ONGs, instituições e movimentos da sociedade civil. No cenário polonês analisado, notou-se grande contribuição do papa que além de ter assumido a cristianização da Europa como um objetivo do seu papado, este também possuía um comportamento diferenciado se comparado com os outros papas. Dessa maneira, João Paulo II se tornou um grande expoente para a diplomacia da Santa Sé e para o contexto polonês. Outro fator interessante é que conforme analisado dependendo do Sumo Pontífice este pode adquirir maior ou menor relevância para a mídia internacional, João Paulo II procurou desde o princípio realizar uma união entre a mídia a Igreja Católica de modo que os jornalistas pudessem de fato acompanhá-lo em suas viagens, instrumento este que cooperou para que as ideias católicas fossem mais difundidas no período de seu papado.

Quanto aos limites do trabalho, foi identificada certa dificuldade ao procurar compreender os objetivos e instrumentos políticos da Igreja, uma vez esta possui outros interesses que não a sobrevivência, aumento de poder e armamentos, como propõe a teoria neorrealista largamente observada no campo de estudos das relações internacionais. Dessa maneira, se observou que existe um menor número de trabalhos a respeito da relevância da Igreja Católica para as relações internacionais, uma vez que poucos autores conseguem diferenciar os atos

meramente políticos dos da diplomacia da Santa Sé, que possui igualmente e com maior grau de relevância os objetivos espirituais em suas estratégias de ação.

Outra limitação encontrada durante a pesquisa foi de analisar como os atos de fé da população polonesa promoveram união e deram força para o combate ao comunismo, como as orações e novenas realizadas durante o período de 1979 a 1989, no entanto, foi possível averiguar que a congregação do grande número de pessoas que foram ao encontro do João Paulo II, durante seus discursos e homilias impulsionou a potência dos movimentos de oposição.

REFERÊNCIAS

ARRAES, Virgílio Caixeta. **De Pio XII a Paulo VI: do conservadorismo à incerteza da Guerra Fria.** Revista de Informação Legislativa, v. 42, n. 165, p 77-98, jan./mar. 2005. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/239>>. Acesso em: 05 nov. 2017.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Edições Loyola. Petrópolis: Vozes, 1993.

CARLETTI, Anna. **O internacionalismo vaticano e a Nova Ordem Mundial: a diplomacia pontifícia da Guerra Fria aos nossos dias.** Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2012.

CARLETTI, Anna. **A diplomacia da Santa Sé: suas origens e sua relevância no atual cenário internacional.** Diálogo. Canoas, 16. p. 31-55, janeiro-junho 2010.

Compêndio da Doutrina Social da Igreja, Direito dos Trabalhadores, artigo D, “O direito de greve” <http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html>. Acesso em: 05 nov. 2017.

DORNELES, Vanderlei. **‘E toda a terra se maravilhou’:** a contribuição de João Paulo II para a restauração do poder papal. Revista Parousia, 2005. Disponível em: <<http://centrowhite.org.br/wp-content/uploads/2013/02/%E2%80%98E-toda-a-terra-se-maravilhou%E2%80%99-a-contribui%C3%A7%C3%A3o-de-Jo%C3%A3o-Paulo-II-para-a-restaura%C3%A7%C3%A3o-do-poder-papal%E2%80%89.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2017.

GÊNESIS. In: Bíblia online. 1998. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/1/26>>. Acesso em: 04 nov. 2017.

HONORATO, Renan da Silva. *A influência do Papa João Paulo II na queda do regime comunista na Polônia.* 110f – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

IGREJA CATÓLICA. Papa (1878-1903: Leão XIII) Carta encíclica: *Rerum Novarum*: a todos os nossos veneráveis irmãos, os patriarcas, primazes, arcebispos e bispos do orbe católico, em graça e comunhão com a Sé Apostólica sobre a condição dos operários. Libreria Editrice Vaticana, 1891. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum.pdf>. Acesso em: 06 out. 2017

IGREJA CATÓLICA. Papa (1963-1978: Paulo VI). Declaração *Dignitates Humanae* sobre a liberdade religiosa, 1965. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651207_dignitatis-humanae_po.html>. Acesso em: 05 nov. 2017

IGREJA CATÓLICA. Papa (1963-1978: Paulo VI) Constituição Pastoral: *Gaudium et Spes*: sobre a Igreja no mundo atual. Libreria Editrice Vaticana, 1965. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html>. Acesso em: 04 nov. 2017

IGREJA CATÓLICA. Papa (1978-2005: João Paulo II) Palavras de saudação do santo padre na chegada ao aeroporto de Okecie em Varsóvia, 1979a. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/june/documents/hf_jp-ii_spe_19790602_polonia-varsavia-okecie-arrival.html>. Acesso em: 05 nov. 2017.

IGREJA CATÓLICA. Papa (1978-2017: João Paulo II). Homilia do papa João Paulo II no início do seu pontificado, 1978. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1978/documents/hf_jp-ii_hom_19781022_inizio-pontificato.html> . Acesso em: 05 nov. 2017.

IGREJA CATÓLICA. Papa (1978-2005: João Paulo II). Homilia do santo padre na Praça da Vitória em Varsóvia, 1979b. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1979/documents/hf_jp-ii_hom_19790602_polonia-varsavia.html>. Acesso em: 05 nov. 2017.

IGREJA CATÓLICA. Papa (1978-2005: João Paulo II). Cerimônia de boas vindas: Discurso do santo padre, 1983. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1983/june/documents/hf_jp-ii_spe_19830616_arrivo- varsavia.html>. Acesso em: 05 nov. 2017.

IGREJA CATÓLICA. Papa (1978-2017: João Paulo II) Carta encíclica: *Centesimus Annus*: aos veneráveis irmãos no episcopado , ao clero, às famílias religiosas, aos fiéis da Igreja Católica e a todos os homens de boa vontade no centenário da RERUM NOVARUM. Libreria Editrice Vaticana, 1991. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp- ii_enc_01051991_centesimus-annus.html>. Acesso em: 04 nov. 2017

JACKSON, Robert; SØRENSEN, Georg. **Introdução às Relações Internacionais**. 2ª Ed. Revista e Ampliada. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2013.

KUZ'NIAR, Roman. A Primavera dos Povos de 1989: A transformação dos princípios fundamentais da política externa polaca. **Relações Internacionais**, Lisboa , n. 23, p. 21-37, set. 2009 . Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-91992009000300002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 set. 2016.

LOPES JUNIOR, Rubens. **A retórica da Igreja Católica: o uso do discurso político no papado de João Paulo II**. Anais dos Simpósios da ABHR 12.1, 2011.

MARX, Karl. Para a Crítica da Filosofia do Direito de Hegel. Tradutor: Artur Morão. Coleção: Textos Clássicos LusoSofia, Universidade da Beira Interior, 2008.

RESENDE, Madalena Meyer; ZATYKA, Marcin. A história menos conhecida: A Igreja Católica polaca na transição para a democracia. **Relações Internacionais**, Lisboa, n. 43, p. 43-50, set. 2014. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-91992014000300004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 13 ago. 2016.

RODRIGUES, José Albertino (Org.); FERNANDES, Florestan (Coord.). **Émile Durkheim**: Sociologia. 9ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 2000, p. 46-52. Disponível

em:

<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1973035/mod_resource/content/1/Durkheim_%20Sociologia%20-%20livro%20todo.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2017

SA, Tiago Moreira de. Os Estados Unidos e o fim da Guerra Fria. **Relações Internacionais**, Lisboa, n. 43, p. 15-29, Set. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-91992014000300002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 Nov. 2017.

SKORZYN´SKI, Jan. A revolução do Solidariedade e o fim da União Soviética. **Relações Internacionais**, Lisboa , n. 33, p. 71-81, mar. 2012 . Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-91992012000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 set. 2016.

TARLTON, Jesse. (2012) The Catholic Church as a Prominent Transnational Actor in the International Political System. M.A. dissertation, Central European University (Supervisor: Professor Thomas Fetzer).

WEBER, Max. Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva, Volume 1, 4ª Ed. Brasília: Editora UNB, 2004.

WEISS, Raquel. Alguns elementos da Sociologia da Religião de Max Weber. 2005 Disponível em: <http://www.academia.edu/2296287/Alguns_Elementos_da_Sociologia_da_Religi%C3%A3o_de_Max_Weber> . Acesso em: 04 nov. 2017.

WEISS, Raquel. Durkheim e as Formas Elementares da vida religiosa. Debates do NER, Porto Alegre, ano 13, n. 22 p. 95-119, jul./dez. 2012

WIATR, Jerzy J. Europa do leste: reforma ou queda do sistema? **Lua Nova**, São Paulo, n. 22, p. 69-105, Dec. 1990. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451990000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 nov. 2017.

1983: Pope meets banned union leader Walesa. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/onthisday/hi/dates/stories/june/23/newsid_4002000/4002537.stm>. Acesso em: 05 nov. 2017